

TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 231

FUNDAMENTOS DA MIGRAÇÃO

André Braz Golgher

Maio de 2004

Ficha catalográfica

314.7	Golgher, André Braz.
G626f	Fundamentos da migração / André Braz Golgher. -
2004	Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.
	49p. (Texto para discussão ; 231)
	1. Migração. 2. Geografia da população. 3. Sociologia urbana. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. II. Título. III. Série.
	CDU

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

FUNDAMENTOS DA MIGRAÇÃO

André Braz Golgher

Pesquisador Visitante do Departamento de Economia

CEDEPLAR/FACE/UFMG

BELO HORIZONTE

2004

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. MEDINDO A MIGRAÇÃO: MÉTODOS DIRETOS E TÉCNICAS INDIRETAS DE ANÁLISE.....	7
2.1. Definindo a migração	7
2.2. Bases de dados	8
2.3. Métodos diretos	9
2.3.1. Métodos diretos: exemplo 1.....	11
2.3.2. Métodos diretos: exemplo 2.....	12
2.4. Técnicas indiretas de análise	15
2.4.1. Introdução aos conceitos fundamentais das técnicas indiretas de análise aplicada à migração	15
2.4.2. Aplicação das técnicas indiretas de análise em um estudo real	16
3. PADRÕES DE MIGRAÇÃO.....	21
3.1. Alguns padrões migratórios até o começo do século XX.....	21
3.2. Padrões migratórios devido a Segunda Guerra Mundial	23
3.3. Padrões migratórios recentes no Mundo	24
3.4. Padrões migratórios recentes no Brasil	28
3.4.1. Migração recente no Brasil com a utilização de técnicas indiretas.....	30
4. DETERMINANTES DA MIGRAÇÃO	32
4.1. Diferenciais regionais e razões para a migração.....	32
4.2. Fatores “push” e “pull”.....	33
4.3. Custos da migração	34
5. A SELETIVIDADE DO MIGRANTE.....	36
5.1. Seletividade por idade	36
5.2. Seletividade por renda e escolaridade	37
5.3. Seletividade por estado civil e tamanho da família	38
5.4. Síntese das diferenças entre migrantes e não-migrantes.....	39
6. CONSEQÜÊNCIAS DA MIGRAÇÃO	39
6.1. Conseqüências individuais	39
6.2. Conseqüências regionais e sociais.....	40
7. TÓPICOS ESPECIAIS.....	42
7.1. Migração e Urbanização.....	42
7.2. Migração intra-urbana no Brasil.....	44
8. CONCLUSÃO	47
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SITES RELACIONADOS COM ESTUDOS SOBRE A MIGRAÇÃO.....	48

RESUMO

O texto apresenta a migração em muitos de seus aspectos em uma discussão de nível introdutório. Inicialmente, foram abordados temas técnicos relacionados à medição do processo migratório, incluindo o uso de base de dados, técnicas diretas e indiretas. Em seguida, foram discutidos alguns dos diversos padrões de migração observados nos últimos séculos, principalmente no anterior, tanto no Brasil como no mundo. Depois disso, três questões fundamentais da migração foram abordadas. A primeira delas se refere à quais fatores regionais influenciam a migração de indivíduos ou, em outras palavras, quais são os determinantes da migração. A segunda pretende responder a questão de quem migra preferencialmente, quais tipos de indivíduo apresentam maior propensão à migração ou, também em outros termos, discute-se a seletividade do processo migratório. A última das perguntas tenta responder alguns pontos relacionados às conseqüências da migração. A parte final do texto discute dois tópicos mais específicos: a relação entre migração e urbanização; e migração intra-urbana no Brasil.

ABSTRACT

This is an introductory text that presents the migration process in many different aspects. Firstly, different methods commonly used in quantitative studies of migration are introduced, including the use of data bases, direct and indirect techniques. Secondly, different patterns of migration in the last centuries in Brazil and in the World are presented with particular attention to the most recent one. After this, three fundamental questions about migration are discussed. The first one deals with the determinants of migration, the second one with the selectivity of the migration process and the last one with the consequences related to population's mobility. Finally, two specific topics are presented: the relationship between urbanization and migration; and intraurban migration in Brazil.

JEL: R23, J11, J60

1. INTRODUÇÃO

Nossa vida esta sempre de alguma forma mudando. Mudamos de escola ou de trabalho. Mudamos a forma como percebemos as coisas. Mudamos nossos relacionamentos. Estamos sempre tentando mudar alguma coisa, nem que seja só o canal da TV.

Muitas vezes mudamos de local de residência. Trocamos de casa em uma mesma cidade ou deixamos nossa cidade para trás e vamos morar em uma outra. Muitas pessoas vivem em locais distintos de onde nasceram, muitos em outros países.

Muitas imagens e sentimentos aparecem em nossa mente quando pensamos em pessoas saindo de um local e indo morar em um outro. Muitos de nossos avós ou bisavós vieram da Europa, África, Japão ou outras regiões. Eles trouxeram crenças e tradições de seus locais de origem e enriqueceram a nossa própria vida com elas. Muitos de nós que morávamos em outra cidade lembramos das experiências vividas em outras regiões e dos amigos que deixamos para trás. Muitos de nossos vizinhos e amigos antigos não moram mais em nossa cidade e nem mesmo sabemos para onde foram. Lembramos dos milhões de brasileiros que saíram do Nordeste e foram tentar melhorar de vida em São Paulo, se tornando assim imigrantes na maior cidade do Brasil.

Entretanto, a migração não é importante apenas para as pessoas que trocam de local de domicílio. Ela é também decisiva em muitos outros aspectos como: no desenvolvimento de regiões e países, no crescimento populacional de cidades, na troca de experiências e tecnologia entre povos, etc. As pessoas mudam quando migram. As regiões também mudam quando os indivíduos migram.

Todo o processo da migração apresenta uma série de características que se inter-relacionam e neste texto serão descritas de forma introdutória algumas dessas características referentes à migração. Inicialmente, a migração será definida e será dada uma breve explicação de como se pode medir a migração. Para facilitar o entendimento do leitor foram incluídos exemplos reais e fictícios, onde foram aplicadas diferentes técnicas de estimação. Depois desta explicação mais técnica, serão descritos alguns padrões de migração no Brasil e no mundo. As seções seguintes procuraram responder porque os indivíduos migram, quem migra preferencialmente e quais as conseqüências da migração. Por fim, serão apresentados dois tópicos muito importantes na distribuição espacial da população em países do terceiro mundo: a migração e sua relação com a urbanização; e a reestruturação populacional dentro de grandes centros urbanos.

Muitos dos dados reais mostrados se referem ao Brasil e, mais particularmente, ao estado de Minas Gerais e à cidade de Belo Horizonte. A explicação para isso é que o autor reside nessas áreas e realizou a maioria de seus estudos sobre essas regiões. Esses estudos foram aproveitados em muitas das discussões incluídas no texto que tiveram como objetivo a explicação em caráter introdutório de diversos pontos ligados à migração. Estudos semelhantes, e muitas vezes muito mais completos, foram feitos para muitas outras áreas do Brasil e podem ser obtidos da vasta literatura especializada em estudos populacionais e em migração.

Nesse texto foram incluídas algumas referências bibliográficas que auxiliaram o leitor interessado em prosseguir seus estudos no assunto.

2. MEDINDO A MIGRAÇÃO: MÉTODOS DIRETOS E TÉCNICAS INDIRETAS DE ANÁLISE

O objetivo central desta parte do texto é discutir as diferentes formas de como medir a migração. Entretanto, antes de podermos propriamente medir a migração, devemos ter uma clara idéia do que seja esta variável.

2.1. Definindo a migração

A população de um local muda quando as pessoas nascem, morrem ou se mudam do ou para o local analisado. Dizemos em termos mais quotidianamente utilizados por especialistas que existem três componentes da dinâmica populacional: a fecundidade, a mortalidade e a migração. Das três, a migração é a mais difícil de se definir. Todo mundo, pelo menos de forma aproximada, entende os termos nascer e morrer.

No caso da migração é um pouco mais complicado. O que é migrar? Grosso modo, a migração pode ser definida como uma mudança permanente de local de residência. Um indivíduo que morava em um local passa a morar em outro distinto. Parece fácil a primeira vista, mas na verdade não é. Se eu moro em uma cidade e mudo de bairro na mesma cidade, eu sou um migrante ou não? Eu morava em um local e agora moro em outro diferente. Você pode responder que na mesma cidade não vale por que a distancia envolvida na mudança de domicílio é pequena. Caso a minha cidade seja grande, como São Paulo, eu posso me mudar de uma ponta da cidade e me deslocar 40Km até o outro lado extremo de um mesmo município. Neste caso eu sou um migrante ou não? Vamos pensar em um outro caso. Eu moro perto da fronteira entre o Brasil e o Uruguai em uma cidadezinha que tem uma parte em cada país. Por alguma razão, eu resolvo me mudar para a casa localizada logo em frente da minha. Só que esta rua pode ser de um lado Brasil e do outro Uruguai. Eu troquei de país, mas me desloquei por apenas 20 metros. Eu sou um migrante ou não?

Esta pequena discussão serviu para mostrar que o estudo da migração não é tão simples como pode parecer à primeira vista. A mudança permanente de local de residência não é suficiente para definir o que seja a migração. Uma grande distância envolvida na troca de domicílio também não.

Necessitamos de uma definição precisa. Uma comumente usada no Brasil é a seguinte: o **migrante** é o indivíduo que morava em um determinado município e atravessou a fronteira deste município indo morar em um outro distinto. Se eu mudo de bairro em um mesmo município, eu não sou um migrante, pois continuei morando no mesmo município. Isso mesmo que a distância envolvida na troca de domicílio seja muito grande. Eu posso deslocar por muitos quilômetros, como no caso de São Paulo, e continuo não sendo um migrante se permanecer no mesmo município. Agora, se eu moro na cidadezinha na fronteira, mudo de lado na mesma rua e troco de país e de município, eu sou considerado um migrante. Existem outras definições e tipos diferentes e específicos de migrantes, mas no nosso texto será usada esta definição como base para as apresentações.

O migrante sai de um local e vai para outro. Ele tem uma origem e um destino. Uma pessoa que sai de uma região é um **emigrante** de seu local de origem. Uma pessoa que vem para uma região é

um **imigrante** em seu local de destino. Eu morava em Belo Horizonte e fui morar em São Paulo. Sou um migrante, pois troquei de município. Minha origem é Belo Horizonte. Eu sou um emigrante deste município. Meu destino foi São Paulo. Eu sou um imigrante em São Paulo.

Uma outra distinção importante de ser feita é entre os **migrantes internos** e **migrantes internacionais**. Se eu saí de Belo Horizonte e me mudei para São Paulo, eu não troquei de país e sou, portanto, um migrante interno. Se eu me mudei do Brasil para os Estados Unidos, como eu troquei de país, eu sou um migrante internacional.

2.2. Bases de dados

Os conceitos acima citados podem ser mais bem entendidos quando discutimos como medi-los. Muitas vezes quando queremos medir fenômenos referentes à migração utilizamos **bases de dados**. Algumas destas bases apresentam uma riqueza muito grande de informações e uma ampla gama de possibilidades de estudos. Existem diferentes tipos de bases de dados e duas delas são muito utilizadas em estudos populacionais, incluindo estudos sobre o processo migratório: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (**PNAD**) e o Censo Demográfico (**Censo**). Existem muitas outras fontes de dados, mas a discussão se restringirá a estas duas pela própria riqueza de informações que elas detêm. Cada uma destas bases apresenta vantagens e desvantagens com relação à outra.

As PNADs são feitas quase que anualmente. Por exemplo, de 1995 até 2001 foram feitas PNADs em todos os anos, exceto no ano de 2000. Os Censos são normalmente feitos de dez em dez anos. Os últimos foram feitos nos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000. O Censo de 1991 era para ter sido feito no ano de 1990, mas por problemas operacionais acabou sendo realizado com um ano de atraso. Quando o Censo é feito não se faz a PNAD, o que explica a ausência da PNAD de 2000. A grande vantagem da PNAD sobre o Censo e a periodicidade das pesquisas. Elas são muito mais freqüentes e, quase sempre, permitem a obtenção de resultados mais recentes e atuais.

Por outro lado, a pesquisa da PNAD é feita com um universo de pessoas muito mais restrito. Uma pequena amostra de toda a população é selecionada e apenas esta amostra responde a pesquisa. O Censo é uma pesquisa muito maior. Uma parte dele é respondida em todos os domicílios do Brasil e uma outra é respondida por uma amostra muito maior do que as utilizadas nas PNADs. A grande vantagem do Censo sobre as PNADs é que ele permite estudar localidades menores, como pequenos municípios ou partes de município, o que não dá para fazer com a PNAD. Como esta última é feita com amostras muito menores, ela é utilizada para fazer análises em áreas com maior população como estados e regiões metropolitanas.

Estas duas bases de dados são amplamente utilizadas de várias maneiras em estudos sobre a migração. As informações podem ser obtidas a partir de métodos, que utilizam as informações das bases de dados de forma direta ou de forma indireta. A seguir serão apresentadas ambas as técnicas.

2.3. Métodos diretos

De forma geral, a utilização dos **métodos diretos** em estudos sobre o processo migratório é mais simples do que o uso das técnicas indiretas de análise. Para utilizá-los basta ter algum conhecimento a respeito de programas específicos utilizados na manipulação de bases de dados, além de noções de matemática e estatística. Diversos tipos de profissionais como estatísticos, geógrafos, economistas, sociólogos e demógrafos fazem uso deste tipo de técnica.

Estes métodos utilizam diretamente a informação contida nos questionários das PNADs e dos Censos. Em cada uma destas bases de dados existem várias perguntas ou quesitos, conhecidos como **quesitos censitários**, que fornecem informações sobre a migração. Nas últimas décadas, alguns dos questionamentos foram modificados, suprimidos ou incluídos, mas muitas das perguntas aparecem na grande maioria das pesquisas realizadas.

Um exemplo fictício facilitará o entendimento sobre como são estas perguntas. João nasceu em São Paulo. Ele se mudou para Belo Horizonte quando tinha 18 anos. Com 23 anos ele foi morar no Rio de Janeiro e vive lá até hoje. Ele tinha 25 anos quando a pesquisa foi feita. A tabela abaixo mostra a trajetória de João.

TABELA 1
Reconstrução da trajetória da pessoa pesquisada

Idade	Onde estava
Nasceu e viveu até os 18 anos	São Paulo
Entre 18 e 23 anos	Morava em Belo Horizonte
Dos 23 até o dia da pesquisa quando tinha 25 anos de idade	Morava no Rio de Janeiro

Veja como ele respondeu as várias perguntas da pesquisa que são típicas de uma PNAD:

- 1 - Você nasceu neste município? Não.
- 2 - Você nasceu nesta unidade da federação (o mesmo que estado)? Não.
- 3 - Você nasceu em um país estrangeiro? Não.
- 4 - Você nasceu em qual unidade da federação (UF)? São Paulo.
- 5 - Você já morou em outra UF ou país estrangeiro? Sim.
- 6 - Faz quanto tempo que você mora nesta UF? 2 anos.
- 7 - Em qual UF que você morava cinco anos atrás? Minas Gerais.
- 8 - Em qual UF que você morava antes de vir para cá? Minas Gerais.
- 9 - Você já morou em outro município nesta UF? Não.
- 10 - Faz quanto tempo que você mora neste município? Dois anos.

Como treino, responda você também as perguntas acima.

No exemplo acima, conhecíamos a trajetória de João e respondemos as perguntas a partir das informações que tínhamos a respeito dela. Na realidade, quando estudamos a migração, fazemos o caminho de forma inversa: conhecemos as respostas das perguntas e, a partir delas, podemos descobrir alguns pontos sobre a trajetória do indivíduo, mas em geral não em sua totalidade.

Nos Censos normalmente temos, além das perguntas citadas acima, algumas outras tais como:

- 11 - Você morou neste município somente na zona urbana, somente na zona rural ou em ambas?
- 12 - Faz quanto tempo que você vive nesta situação de domicílio (urbano ou rural)?
- 13 - Em qual município você morava cinco anos atrás?
- 14 - Qual era sua situação de domicílio cinco anos antes?
- 15 - Em qual município você morava antes de vir para cá?
- 16 - Qual era sua situação de domicílio no município anterior?

A seguir será descrito um outro exemplo fictício, mas desta vez incluindo estas novas questões normalmente presentes no Censo. Além disso, será feito o caminho inverso ao realizado anteriormente: em vez de começarmos com a trajetória e respondermos as perguntas, partiremos das perguntas e construiremos a trajetória.

Uma pessoa foi pesquisada na zona urbana do Rio de Janeiro. Na data, ela tinha 20 anos e respondeu as perguntas da seguinte forma:

- 1 - Você nasceu neste município? Não.
- 2 - Você nasceu nesta unidade da federação? Não.
- 3 - Você nasceu em um país estrangeiro? Não.
- 4 - Você nasceu em qual UF? Paraná.
- 5 - Você já morou em outra UF ou país estrangeiro? Sim.
- 6 - Faz quanto tempo que você mora nesta UF? 4 anos.
- 7 - Em qual UF que você morava cinco anos atrás? Santa Catarina.
- 8 - Em qual UF que você morava antes de vir para cá? Rio de Janeiro.
- 9 - Você já morou em outro município nesta UF? Sim.
- 10 - Faz quanto tempo que você mora neste município? Três anos.
- 11 - Você morou neste município somente na zona urbana, somente na zona rural ou em ambas?
Em ambas.
- 12 - Faz quanto tempo que você vive nesta situação de domicílio (urbano ou rural)? 2 anos.
- 13 - Em qual município você morava cinco anos atrás? Florianópolis.
- 14 - Qual era sua situação de domicílio cinco anos antes? Rural.
- 15 - Em qual município você morava antes de vir para cá? Campos.
- 16 - Qual era sua situação de domicílio no município anterior? Rural.

Dá para reconstruir a trajetória dessa pessoa? Em muitos pontos sim, mas é impossível reconstruir tudo.

TABELA 2
Reconstrução da trajetória da pessoa pesquisada

Idade	Onde estava e em qual situação de domicílio
Nasceu	Paraná
15 anos	Morava na zona rural de Florianópolis em Santa Catarina
16 anos	Foi para o estado do Rio de Janeiro
Entre 16 e 17	Foi para a zona rural de Campos
17 anos	Foi para a cidade do Rio de Janeiro
Entre 17 e 18 anos	Morou na zona rural do Rio de Janeiro
Entre 18 até a data da pesquisa aos 20 anos	Morou na zona urbana da cidade do Rio de Janeiro

A trajetória fictícia é a seguinte. Maria nasceu em Curitiba. Ela se mudou para Florianópolis com 10 anos e viveu na zona rural deste município. Com 16 anos foi para Campos no estado do Rio de Janeiro e ali também viveu na zona rural. Com 17 anos foi para o município do Rio de Janeiro e viveu inicialmente na zona rural e depois de um ano foi para a zona urbana. No dia da pesquisa, ela tinha 20 anos de idade. Como pode ser observado pela comparação entre a trajetória reconstruída e a fictícia, não conseguimos captar todas as informações, mas, pelo menos, grande parte delas foi obtida.

A reconstrução aproximada da trajetória de pessoas pode ser feita com os quesitos do Censo e da PNAD, como acabamos de fazer, mas esse não é normalmente o objetivo em estudos sobre a migração. O procedimento mais usual é utilizar apenas um ou alguns desses quesitos de cada vez. A seguir serão apresentados dois exemplos de aplicação dos métodos diretos de análise em estudos referentes à migração. Análises semelhantes às apresentadas aqui são muito comuns na literatura especializada.

2.3.1. Métodos diretos: exemplo 1

Neste exemplo foi usado apenas um quesito: você morava neste município cinco anos antes? A base de dados utilizada foi a Contagem Populacional de 1996 que é semelhante ao Censo mas com menor detalhamento do que os Censos de 1991 e 2000.

Todos os municípios selecionados são da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) em Minas Gerais (MG). O objetivo desta pesquisa era saber a proporção de indivíduos que morava em cada um dos municípios e que não viviam ali cinco anos antes. Em outras palavras, que haviam imigrado para o local entre os anos 1991 e 1996 e que ainda permaneciam no local pesquisado na data da pesquisa.

A definição do que é um migrante varia um pouco dependendo do quesito utilizado. Como discutido anteriormente, o migrante é aquele que troca de município de residência. No caso desta pesquisa a definição de migrante era um pouco distinta: pessoas que viviam em um município em 1996 e que não viviam neste mesmo município cinco anos antes. Esta definição inclui a questão do tempo na descrição geral do migrante apresentada anteriormente.

A tabela 3 mostra os resultados obtidos. O número de imigrantes variava de um valor um pouco maior que 1.000 pessoas em Caeté até mais de 100.000 em Belo Horizonte (BH). Este último havia recebido mais migrantes do que os demais municípios selecionados, mas como é uma cidade muito mais populosa, esses migrantes correspondiam a apenas 5,1% do total da população. Ibirité havia recebido menos migrantes do que BH, pouco mais de 20 mil, mas esses imigrantes respondiam por uma parcela muito maior da população, 16,3% do total.

TABELA 3
Imigrantes em alguns municípios de Minas Gerais em 1996

Município	Número de imigrantes	Proporção de imigrantes na população total (%)
Barão de Cocais	1641	7,3
Belo Horizonte	106631	5,1
Brumadinho	2352	9,7
Caeté	1062	3,0
Ibirité	20672	16,3
Nova Lima	4189	7,4

Fonte: FIBGE, 1996. Dados Trabalhados.

2.3.2. Métodos diretos: exemplo 2

O tipo de estudo que será descrito a seguir é muito comum quando analisamos **fluxos de migrantes**. Todos os indivíduos que saem de uma determinada localidade e vão para uma outra bem definida formam um grupo de pessoas com mesma origem e mesmo destino. Esse grupo forma um fluxo de migrantes entre as duas áreas.

Dois quesitos são normalmente utilizados na análise de fluxos de migrantes ambos presentes no censo de 1991. No censo de 2000 foi perguntado apenas o primeiro desses quesitos. Esses são: i) Em qual município (ou estado) você morava cinco anos atrás? ii) Em qual município você morava antes de vir para cá? O primeiro destes quesitos é normalmente conhecido como de “**data fixa**” e o segundo, como de “**última etapa**”.

Vejam um exemplo fictício envolvendo dois municípios diferentes: Rio de Janeiro e São Paulo. O quesito data fixa foi aplicado aos moradores do Rio de Janeiro. A tabela abaixo mostra o resultado da pesquisa.

TABELA 4
Resposta dos moradores do município do Rio de Janeiro para a pergunta “Em qual município você morava cinco anos atrás?”

No próprio Rio de Janeiro	Em São Paulo	Em outros municípios
4.500.000	200.000	300.000

O município do Rio de Janeiro tinha na época da pesquisa 5 milhões de habitantes com cinco anos de idade ou mais. Desses, 4,5 milhões moravam no mesmo município cinco anos antes. Esses não eram migrantes para o quesito utilizado. Os outros 500 mil eram migrantes, 200 mil tinham emigrado de São Paulo, e 300 mil de outros municípios.

A mesma pesquisa foi feita no município de São Paulo e o resultado foi o seguinte.

TABELA 5

Resposta dos moradores do município de São Paulo para a pergunta “Em qual município você morava cinco anos atrás?”

Em São Paulo mesmo	No Rio de Janeiro	Em outros municípios
9.500.000	100.000	400.000

Com os dados destas duas tabelas, podemos montar uma **matriz de fluxos de migrantes** para São Paulo e para o Rio de Janeiro. Inicialmente, eliminamos toda a informação sobre os outros municípios. Depois, juntamos as informações restantes das duas tabelas anteriores em uma só. O resultado é mostrado na tabela 6.

TABELA 6

Matriz de fluxos de migrantes para o quesito data fixa com não-migrantes

		Município atual	
		Rio de Janeiro	São Paulo
Município anterior	Rio de Janeiro	4.500.000	100.000
	São Paulo	200.000	9.500.000

A matriz de fluxos acima mostra os fluxos de migrantes entre o Rio de Janeiro e São Paulo em ambas as direções. Além disto, ela mostra os não-migrantes.

Uma outra opção é apresentar a matriz de fluxos somente com os migrantes, como descrito na tabela abaixo.

TABELA 7

Matriz de fluxos de migrantes para o quesito data fixa somente com migrantes

		Município atual	
		Rio de Janeiro	São Paulo
Município anterior	Rio de Janeiro	0	100.000
	São Paulo	200.000	0

Neste tipo de estudo, o migrante é o indivíduo que morava em locais distintos em duas datas prefixadas, em geral cinco anos antes e no dia da pesquisa, o que explica o termo “data fixa”.

A seguir, será apresentado um exemplo real de utilização da matriz de fluxos de migrantes em estudos sobre a migração com uma matriz construída de forma semelhante ao acima descrito. Entretanto, o quesito utilizado foi o de “última etapa” que difere um pouco do “data fixa”. Nesse quesito os migrantes são aqueles que trocaram de município de residência pelo menos uma vez nos últimos 10 anos.

Não cabe aqui aprofundar na discussão sobre esses quesitos acima citados. Para uma apresentação mais detalhada sobre o assunto recomenda-se ver Carvalho (1982, 1985), Rigotti e Carvalho (1998) e Rigotti (1999).

Foram selecionados quatro municípios da RMBH e os resultados obtidos podem ser diretamente observados na matriz de fluxos abaixo. São inúmeras as possibilidades de interpretação e aqui serão citadas algumas como exemplo do que pode ser feito. Mais de 20 mil pessoas que moravam em Betim na época da pesquisa haviam morado anteriormente em BH. Para Contagem esta cifra era de quase 70 mil pessoas. Por outro lado, somente pouco mais de 600 pessoas que viviam em BH na época da pesquisa haviam vindo de Ibirité, e outros 3991 tiveram como origem Contagem.

Essa diferença numérica significativa entre os fluxos de pessoas que saem do núcleo metropolitano, Belo Horizonte, com destino na periferia da região metropolitana, no caso Betim, Contagem e Ibirité, quando comparados com os fluxos de pessoas que fazem o caminho inverso indicam um processo de periferização da população. Esse fenômeno será abordado com mais detalhes no fim deste texto.

TABELA 8

Matriz de fluxos entre alguns dos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte para o quesito última etapa somente com migrantes em 1991

		Município atual			
		Belo Horizonte	Betim	Contagem	Ibirité
Município anterior	Belo Horizonte	0	20626	69910	19003
	Betim	1386	0	2927	831
	Contagem	3991	17619	0	6046
	Ibirité	605	797	1044	0

Fonte: FIBGE, 1991. Dados trabalhados. Retirados de Golgher, 2000.

Estes dois exemplos de aplicação dos métodos diretos são muito comuns em estudos sobre a migração. Dentre todos os quesitos citados anteriormente, foram utilizados somente dois deles nos exemplos acima. Todos os demais podem ser usados em separado ou combinados, o que permite ao estudioso da migração fazer uma série de estudos específicos.

2.4 . Técnicas indiretas de análise

Os métodos diretos citados acima quando aplicados em estudos sobre o processo migratório são mais fáceis de utilizar que as técnicas indiretas de análise. Além disso, requerem uma sofisticação menor e conhecimentos menos específicos em estatística e demografia. Enquanto que os métodos diretos de análise são usados por uma gama maior de profissionais tais como geógrafos, economista, estatísticos e demógrafos, as técnicas indiretas de análise são normalmente utilizadas apenas por esse último tipo de profissional. A aplicação dessas técnicas requer um conhecimento um pouco mais profundo a respeito das componentes demográficos - fecundidade, mortalidade e migração - como ficará claro na discussão a seguir. A bibliografia básica e fundamental para esse tipo de técnica é o Manual X (Naciones Unidas, 1986).

Como exemplo de aplicação deste tipo de técnica, serão apresentados dois exemplos a seguir. O primeiro será a descrição de um problema fictício que será apresentado de forma sucinta com o objetivo de introduzir uma série de conceitos ao leitor. Em seguida, esses mesmo conceitos serão abordados em um caso real.

2.4.1. Introdução aos conceitos fundamentais das técnicas indiretas de análise aplicada à migração

Suponhamos que em uma região não haja imigração ou emigração. Ninguém se muda para o local, ou seja, imigração zero, e ninguém se muda da região, ou seja, emigração também zero. Neste caso, o crescimento populacional é dado somente pela diferença entre as pessoas que nascem e as que morrem. Neste tipo de população, que é conhecida como **população fechada**, o crescimento populacional é dado pela seguinte equação:

(1) $P_2 = P_1 + N - O$, onde P_2 é a população depois do período analisado, P_1 é a população antes deste período, N é o número de nascimento no período e O é o número de óbitos.

Quando incluímos a migração, a equação ganha duas novas variáveis, os imigrantes, I , e os emigrantes, E . A equação de crescimento populacional fica assim:

(2) $P_2 = P_1 + N - O + I - E$

Estas equações podem ser mais bem entendidas a partir de um exemplo fictício. No começo de um determinado ano viviam 100 pessoas em uma pequena localidade. Durante o ano nasceram 10 crianças. Assim, deveríamos ter 110 pessoas no fim do ano caso ninguém houvesse morrido e a população fosse fechada. Porém, como cinco idosos haviam morrido a expectativa era que a população dessa localidade fosse 105 pessoas no fim do ano. Em termos matemáticos: $P_1 = 100$, $N = 10$ e $O = 5$ então $P_2 = P_1 + N - O = 105$. Entretanto, no fim do ano houve um censo que contou todas as pessoas que viviam na vila e verificou-se que a população total era de 107 pessoas. A população não era uma população fechada. Uma família de quatro pessoas tinha indo morar lá e um casal tinha se mudado para outra localidade. O número de imigrantes era de 4 pessoas e o número de emigrantes era de 2. Assim, nossa conta chega ao fim $P_2 = P_1 + N - O + I - E = 100 + 10 - 5 + 4 - 2 = 107$.

Se a população fosse fechada (P_{fechada}) teríamos 105 pessoas, mas já que ela é aberta temos 107, que é a população observada ($P_{\text{observada}}$). A diferença entre estas cifras é conhecida como **saldo migratório** (SM). Em termos matemáticos ficamos:

$$(3) \text{ SM} = P_{\text{observada}} - P_{\text{fechada}} = 107 - 105 = 2$$

ou

$$(4) \text{ SM} = I - E = 4 - 2 = 2.$$

2.4.2. *Aplicação das técnicas indiretas de análise em um estudo real*

A contagem direta das pessoas em uma comunidade pequena como a acima descrita é viável. Quando estamos estudando uma população real também podemos obter de forma direta as populações no começo e no fim do período analisado a partir das bases de dados de forma bastante simples. Porém, em geral, os demógrafos não sabem o número exato de nascimentos ou de mortes em populações reais, como no caso fictício apresentado acima. Eles estimam o número aproximado de nascimentos e de mortes ocorridos no decorrer do período analisado a partir de uma série de técnicas específicas (Naciones Unidas, 1986).

Uma vez estimadas estas duas variáveis, calcula-se a população fechada, utilizando a equação (1). Por fim, o SM é estimado indiretamente pela equação (3) acima descrita.

Um exemplo real deste tipo de estimativa será descrito a seguir para MG para a década de 80. O primeiro passo é obter a população observada a partir dos Censos Demográficos dos anos de 1980 e 1991. Em geral, as estimativas de SM são feitas para períodos de 5 ou 10 anos. Como temos as populações de 80 e 91, necessitamos da população de 1990. Esta foi obtida por interpolação dos dados reais utilizando métodos bastante simples. A tabela abaixo mostra as populações observadas e estimadas de Minas Gerais nos anos citados.

TABELA 9
População de Minas Gerais para diferentes anos

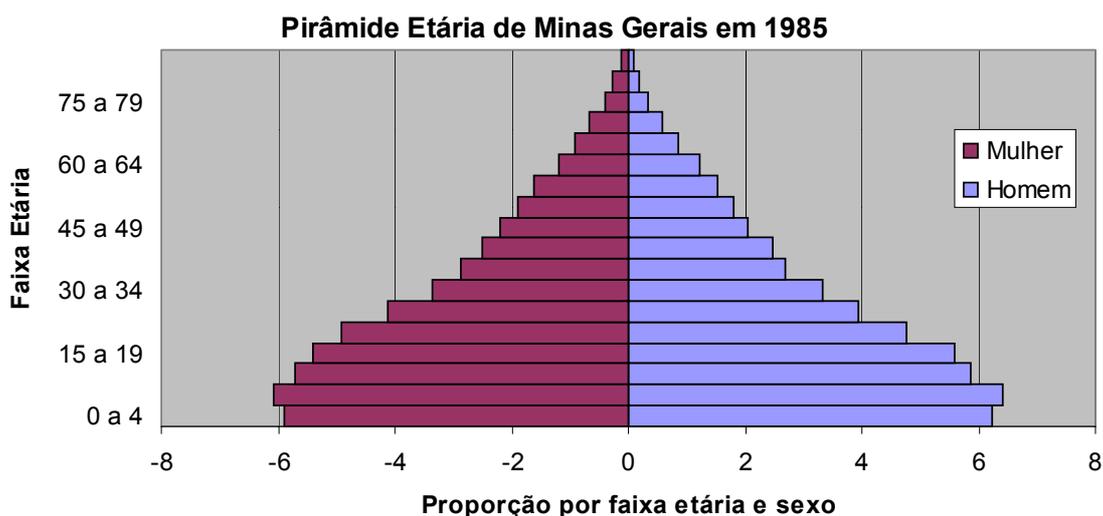
Ano	População
1980	13378553 [real]
1990	15528188 [estimada]
1991	15743152 [real]

Fonte: FIBGE, 1980 e 1991. Dados trabalhados.

Na estimativa da população fechada necessitamos da estimativa do número de nascimentos e de óbitos no período escolhido. Para a estimativa do número de nascimentos, o primeiro passo é obter o número de pessoas em cada faixa etária divididas por sexo. Assim como a população total, a população dividida por sexo e por grupos de idade de cinco em cinco anos é de fácil obtenção a partir de técnicas diretas. A distribuição da população de Minas Gerais por faixa etária e por sexo em 1985 é mostrada abaixo em uma **pirâmide etária**.

Este tipo de gráfico, muito utilizado em estudos populacionais, mostra a estrutura etária da população. Cada uma das barras se refere a um grupo quinquenal de idade: 0 a 4 anos, 5 a 9 anos, 10 a 14 ... O número abaixo do gráfico indica a porcentagem da população total em cada um dos grupos de idade, divididos também por sexo. Pode-se observar que os jovens entre 0 e 19 anos eram muito mais numerosos do que as pessoas com mais idade em MG em 1985.

GRÁFICO 1



Fonte: FIBGE, 1985.

Quando estudamos fenômenos ligados à fecundidade não utilizamos mulheres de todas as idades. As mulheres muito jovens, aquelas com menos de 15 anos, têm muitos poucos filhos. O mesmo acontece com as mulheres mais velhas, aquelas com 50 anos ou mais. As mulheres com idade entre 15 e 49 anos são as que mais reproduzem, aquelas consideradas em idade fértil, e são as únicas utilizadas para estimar o número de nascimentos. O número de mulheres em Minas Gerais com idade entre estas duas idades limites é mostrado na tabela abaixo para o ano de 1985.

TABELA 10

Número de mulheres em idade reprodutiva em Minas Gerais

Faixa Etária	Número de mulheres
15 a 19	817747
20 a 24	698168
25 a 29	577723
30 a 34	487548
35 a 39	392067
40 a 44	362368
45 a 49	301343

Fonte: FIBGE, 1985. Dados trabalhados.

O próximo passo é estimar as **taxas de fecundidade específica** (TEF) para cada uma das faixas etárias citadas acima. Estas taxas indicam o número médio de filhos que cada uma das mulheres em cada uma das faixas etárias teria em um ano. Para fazer esses cálculos utilizamos as técnicas indiretas de análises referentes à fecundidade (ver Naciones Unidas, 1986). Abaixo são mostrados os resultados obtidos para as mulheres em Minas Gerais a partir dos dados dos Censos de 1980 e 1991 na tabela 10 e no gráfico 2.

Como pode ser observado para ambos os anos, as mulheres com idade entre 20 e 34 anos tendem a apresentar taxas mais elevadas de fecundidade. Em 1980, os valores eram de: 0,20 filhos por ano para a faixa etária de 20 a 24 anos; 0,23 para a faixa etária entre 25 e 29 anos; e 0,18 para mulheres com idade entre 30 e 34 anos. Em 1991 os valores eram muito inferiores, respectivamente, 0,15; 0,14; e 0,09. Mulheres mais jovens e velhas tendiam a apresentar taxas menores.

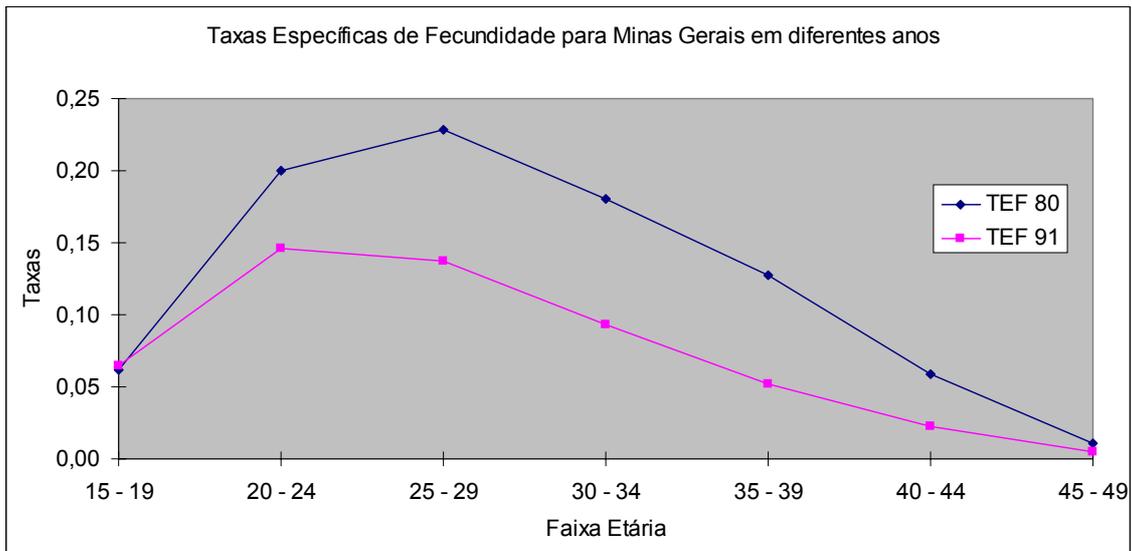
TABELA 11
Taxa específica de fecundidade para mulheres em idade reprodutiva

Faixa Etária	Taxa específica de fecundidade	
	1980	1991
15 – 19	0,06	0,06
20 – 24	0,20	0,15
25 – 29	0,23	0,14
30 – 34	0,18	0,09
35 – 39	0,13	0,05
40 – 44	0,06	0,02
45 – 49	0,01	0,00

Fonte: FIBGE, 1980, 1991. Dados trabalhados.

Quando comparamos as diferenças entre os dois anos citados, observa-se que as taxas de fecundidade haviam diminuído muito para todas as idades menos para as adolescentes com idade entre 15 e 19 anos.

GRÁFICO 2



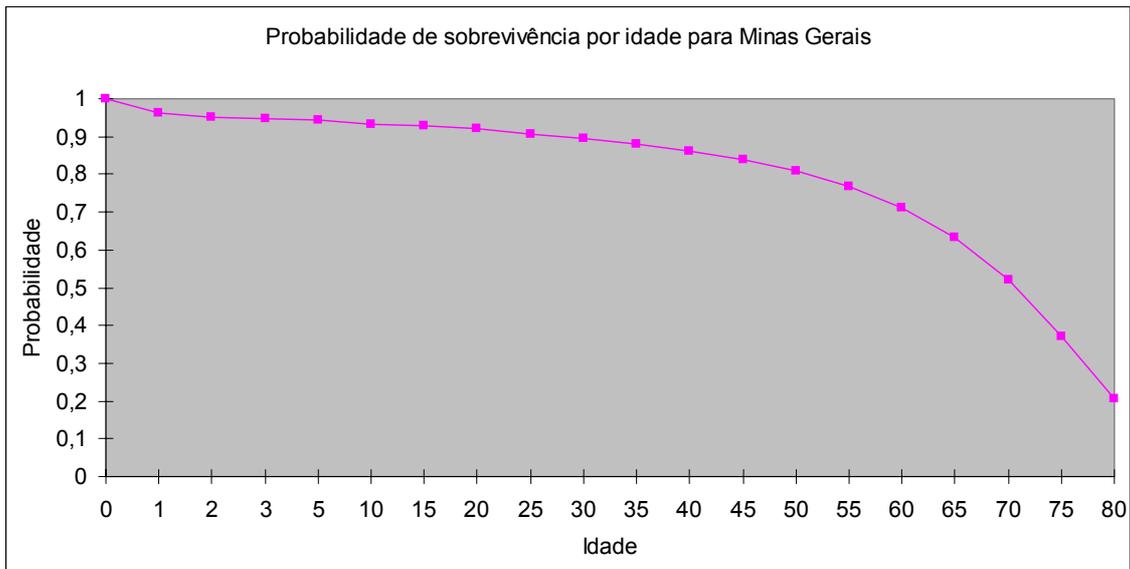
Fonte: FIBGE, 1980, 1991. Dados trabalhados.

Estima-se o número de nascimentos esperados no período entre 1980 e 1990 a partir do número de mulheres em cada faixa etária e das taxas específicas de fecundidade. Como as TEFs são para os anos de 1980 e 1991, deve-se interpolá-las para a obtenção de um valor médio para a década. O mesmo deve ser feito para o número de mulheres se os dados são obtidos a partir de Censos Demográficos. Para MG a cifra foi de 4121653 nascimentos na década de 80.

O número de mortes é estimado de forma análoga. Inicialmente, devemos saber quantas pessoas temos em cada grupo quinquenal de idade (ou de cada sexo e idade). O gráfico 1 com a pirâmide etária já apresentou esta informação. Depois disto devemos estimar qual é a probabilidade que um indivíduo em cada um dos grupos de idades sobreviva no período analisado. esse tipo de estimativa é obtido pelas técnicas indiretas de estimação de mortalidade e são, de forma geral, mais complicadas do que as técnicas utilizadas para a fecundidade. Detalhes sobre a metodologia de cálculo dos dados de mortalidade também podem ser vistos no Manual X (Naciones Unidas, 1986).

O gráfico abaixo mostra a **probabilidade de sobrevivência** para o ano de 1985 em MG. De cada 100 pessoas que nasciam, aproximadamente 90 chegavam até a idade de 20 anos, 80 chegavam até os 50 anos de idade, 50 viviam até os 70 e 20 até os 80 anos de idade.

GRÁFICO 3



Fonte: FIBGE, 1980, 1991. Dados trabalhados.

Estima-se o número esperado de mortes no período a partir do número de pessoas por faixa etária (ou também por sexo) e da probabilidade de sobrevivência em cada uma das faixas etárias. Para Minas Gerais esse valor foi de 1299850 óbitos entre os anos de 1980 e 1990.

Agora de posse de todos esses dados, podemos calcular a população fechada de Minas Gerais em 1990. Em 1980, a população deste estado era de 13378553. Estimou-se que o número de nascimentos na década de 80 foi 4121653 e que o número de mortes foi 1299850. Se a população fosse fechada, deveríamos ter em Minas Gerais em 1990 aproximadamente, $P_{1990 \text{ fechada}} = P_{1980} + N - O = 13378553 + 4121653 - 1299850 = 16200338$ habitantes.

A população observada aproximada que foi calculada para 1990 com base nos dados de 1980 e 1991 era de 15528188 habitantes. Comparando o que deveríamos ter se a população fosse fechada e o que realmente temos, obtemos uma estimativa de quantas pessoas estavam faltando ou sobrando. Para o nosso exemplo temos o seguinte:

$$SM = P_{\text{observada}} - P_{\text{fechada}} = 15528188 - 16200338 = -672150.$$

Em palavras: estavam faltando em Minas Gerais mais de 672 mil pessoas em 1990 e esta é a estimativa do saldo migratório do estado na década de 80 utilizando a técnica descrita aqui¹. Mais pessoas haviam saído desse estado para morar no exterior ou em outro estado do Brasil do que entraram. Além disso, temos os efeitos indiretos da migração. Um exemplo deste tipo de efeito seriam os filhos que as pessoas que migram deixam de ter em MG. Eles nascem em outras locais e incrementam a população dessas outras áreas, diminuindo assim a população observada em Minas.

¹ Existem várias outras metodologias de cálculo não citadas aqui.

Os exemplos acima descritos para os métodos diretos e técnicas indiretas de análise procuraram dar uma idéia ao leitor das várias formas de medição do processo migratório. A seguir serão descritos alguns trabalhos que mensuraram o fenômeno migratório de diferentes maneiras e em diferentes locais e épocas.

3. PADRÕES DE MIGRAÇÃO

Podemos dizer, sem nenhum exagero, que o mundo se moldou também pela migração. Basta olhar o caso do Brasil. Somos um país que sofreu forte influência da emigração européia: a maioria de nós tem avós, bisavós ou algum antepassado europeu. A emigração forçada de africanos que vieram trabalhar como escravos no Brasil trouxe toda uma cultura negra muito distinta da cultura européia. Essas duas culturas se mesclaram com as tradições indígenas locais para formar a base da identidade do Brasil atual. Caso a migração para o Brasil não tivesse ocorrido, você não seria capaz nem de entender esse texto uma vez que não falaria português.

Assim como ocorreu no Brasil, no decorrer dos vários séculos de história humana houve muitas trocas importantes de população. Algumas delas serão apresentadas a seguir: trocas populacionais observadas no Brasil e no mundo tanto recentes como históricas.

3.1. Alguns padrões migratórios até o começo do século XX

A descoberta da América em 1492 propiciou uma enorme região a ser ocupada pelos seus “descobridores” e colonizadores. O continente era habitado por indígenas em diferentes graus de desenvolvimento social e passou a ser também ocupado por um grande contingente de imigrantes vindos da Europa e da África. Muitas das principais migrações ocorridas entre os séculos 16 e o começo do século 20 seguiram a lógica de ocupação das Américas pelas metrópoles européias. Dentre estas, destaca-se os fluxos de migrantes que tinham origem em muitas das partes da Europa e que tinham como destino a América do Norte. Outro numeroso fluxo de migrantes foi o de emigrantes dos países latinos europeus em direção à América Latina. A migração de europeus foi acompanhada pela migração forçada de africanos, principalmente para os Estados Unidos, para o Caribe e para o Brasil.

Existiram muitos outros fluxos de migrantes importantes. Dentre esses, pode-se citar os fluxos com origem no Reino Unido e com destino em alguma colônia inglesa como a África do Sul, a Austrália ou a Nova Zelândia. Países muito populosos e de ocupação antiga, como a China e a Índia, apresentaram fluxos de emigrantes muito numerosos que se espalharam pelas demais regiões do mundo.

Além das migrações entre países, as migrações internacionais, foram verificadas importantes trocas de população em regiões de um mesmo país, conhecidas como migrações internas. Esse tipo de migração foi, e ainda é em alguns casos, particularmente importante em países grandes com regiões pouco habitadas. Exemplos são os fluxos de migrantes: do leste para oeste norte americano; do oeste para o leste na Rússia; e da costa para o interior no Brasil.

Dentre todas essas migrações discutidas, serão apresentados a seguir alguns dados referentes aos fluxos de migrantes que tiveram como origem a Europa e como destino as Américas ou Oceania. Entre os anos de 1851 e 1910, como mostram os dados da tabela 12, mais de 35 milhões de pessoas deixaram a Europa e foram registrados como migrantes². Somente do Reino Unido saíram mais de 11 milhões de indivíduos no período, fato esse que ocorreu de forma aproximadamente constante nas seis décadas do período discutido. Da Itália emigraram mais de cinco milhões entre 1854 e 1910, principalmente nas últimas duas décadas do período, muitos deles com destino no Brasil. A Alemanha, principalmente na segunda metade do século 19, e a península Ibérica, principalmente entre 1881 e 1910, também perderam grandes contingentes de população.

TABELA 12
Emigrantes europeus no período entre 1851 e 1910, segundo a origem

Período	Origem do migrante (em milhares)					
	Alemanha	Reino Unido	Itália	Espanha e Portugal	Outros	Europa
1851 – 1860	615	1316	0	42	149	2122
1861 – 1870	638	1569	27	80	346	2660
1871 – 1880	628	1685	165	132	694	3304
1881 – 1890	1356	2553	80	718	3271	7977
1891 – 1900	501	1716	1573	1073	2288	7150
1901 – 1910	254	2795	3684	1524	4446	12704
Total	3992	11634	5529	3569	11193	35917

Fonte: Koerner (1990).

Nesta mesma época, a maioria destes migrantes europeus teve como destino alguns poucos países, como demonstra a tabela a seguir. Os Estados Unidos foram, de longe, o principal destino dos europeus com mais de 25 milhões de imigrantes. Os demais locais de atração de imigrantes no período foram: a Argentina e Uruguai com mais de 4 milhões de pessoas; o Brasil, com quase 3 milhões; a Austrália e Nova Zelândia, também com quase 3 milhões de imigrantes; e o Canadá, com 2,6 milhões.

Esta imigração para o Brasil, que se concentrou entre os anos de 1891 e 1910, foi, em parte, promovida pelo próprio governo brasileiro. Esse procurou aumentar a oferta de mão-de-obra assalariada européia substituindo assim a mão-de-obra escrava, uma vez que a escravidão havia a pouco sido abolida.

Dentre esses países mencionados, os países que hoje são considerados do primeiro mundo, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Nova Zelândia, continuam atraindo um grande número de imigrantes, como será discutido posteriormente. Enquanto isso, os países da América Latina, muito em razão da estagnação econômica atual da região, perderam seu poder de atração populacional e passaram a ser exportadores de população.

² Muitos outros migrantes não foram contabilizados aqui, pois não foram registrados.

TABELA 13
Emigrantes europeus no período entre 1851 e 1910, segundo o destino

Período	Destino do migrante (em milhares)					
	EUA	Brasil	Argentina e Uruguai	Canadá	Austrália e Nova Zelândia	Outros
1851 – 1860	2613	136	68	305	34	238
1861 – 1870	2324	98	229	295	196	131
1871 – 1880	2831	239	399	199	239	80
1881 – 1890	5263	526	977	376	301	75
1891 – 1900	3661	1156	707	257	450	193
1901 – 1910	8814	747	1793	1195	1643	747
Total	25506	2903	4172	2627	2863	1463

Fonte: Koerner (1990).

3.2. Padrões migratórios devido a Segunda Guerra Mundial

Como apresentado anteriormente, muitos dos enormes fluxos migratórios dos séculos 19 e começo do século 20 seguiam a lógica de expansão da influência europeia em suas antigas colônias. Além disso, esses fluxos eram, na maioria dos casos, caracterizados por serem movimentos espontâneos de população: os migrantes saíam da Europa e se direcionavam para os locais de destino por vontade própria, por razões econômicas, etc.

Entretanto, entre os anos de 1910 e 1935, esse regime de migração razoavelmente livre foi muito afetada por novas leis que restringiam a migração. Outro fator que causou grande impacto nos fluxos migratórios foi a grande depressão econômica da década de 30. Por causa desses e de outros fatores houve uma diminuição da magnitude dos fluxos de migrantes neste último período citado.

Porém, todo um novo ciclo de migrações foi desencadeado pelas hostilidades referentes à Segunda Guerra Mundial. A seguir serão citados vários exemplos de trocas populacionais forçadas pela guerra.

- i) Depois de 1933, com a subida de Hitler ao poder, milhões de judeus e refugiados políticos fugiram da Alemanha em busca de locais mais seguros para se viver.
- ii) Depois da guerra mais de 20 milhões de indivíduos foram compulsoriamente transferidos entre os diversos países europeus. Muitas das minorias étnicas tiveram que se mudar para outro país devido à problemas relacionados à guerra.
- iii) 3 milhões de japoneses que viviam em países asiáticos foram forçados a retornarem para o Japão depois do fim da guerra.
- iv) Quando a Índia e o Paquistão foram separados por questões religiosas, 15 milhões de pessoas tiveram que trocar de local de domicílio. Desses, aproximadamente a metade era composta de hindus que saíram do Paquistão, país predominantemente mulçumano, em direção à Índia e a outra metade, composta de mulçumanos que viviam na Índia, fez o caminho inverso.

- v) A Palestina foi dividida entre judeus e árabes por uma resolução da ONU com a criação de dois estados independentes. Como esses últimos não concordaram com a partilha, iniciou-se uma guerra, conhecida hoje como de independência de Israel, que resultou na expulsão de 700 mil palestinos do território israelense e na emigração forçada de 700 mil judeus que viviam em diversos países árabes.

Como resposta para tantos problemas migratórios ligados à Segunda Guerra Mundial foi criado um importante órgão internacional, o International Organization for Migration (www.iom.int), para auxiliar a realocação de indivíduos. Esse órgão, que foi decisivo na época, continua atuando até hoje e já ajudou no assentamento de mais de 11 milhões de migrantes em todo o mundo. No site acima citado podem ser obtidas informações importantes sobre a migração de forma geral, inclusive sobre os padrões migratórios recentes que é o nosso próximo assunto.

3.3. Padrões migratórios recentes no Mundo

Os padrões atuais de migração diferem da ocupação dos grandes espaços pouco habitados do Globo que ainda existiam no século 19 e no começo do século 20, e também difere da marcante realocação de milhões de pessoas devido à Segunda Guerra Mundial. Os padrões mais recentes de migração apresentam uma característica muito distinta: eles se direcionam principalmente dos países em desenvolvimento para os países do 1º mundo.

Um exemplo da transição que ocorreu entre estas duas fases anteriores da migração internacional e a fase atual pode ser observado pela composição étnica dos imigrantes nos Estados Unidos. Esses dados são mostrados na tabela 14 para o período entre 1950 e 1985. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, durante a década de 50, os europeus eram a maioria dos imigrantes com uma cifra em torno de 1,4 milhões de imigrantes. Os demais imigrantes ainda eram uma numerosa minoria com um total aproximado de 1,1 milhões de pessoas. Na década de 60, houve uma diminuição do número de emigrantes europeus e um aumento dos demais grupos, principalmente de latino-americanos, que passaram a ser o grupo predominante. A partir dessas décadas, os emigrantes com origem em regiões mais pobres do que os europeus passaram a ser a maioria dos imigrantes nos EUA. Desde 1970, os latino-americanos e os asiáticos dominam amplamente a imigração para os Estados Unidos. A grande maioria deles tem como origem países que têm uma renda por habitante muitas vezes inferior ao observado em seu destino. Muitos desses migrantes atravessam a fronteira dos EUA de forma ilegal e vivem a margem da lei.

É muito grande a influência destes fluxos na composição da população dos EUA. Como exemplo, existem hoje mais de 33 milhões de latino-americanos ou descendentes e, dentre esses, 20 milhões são mexicanos ou filhos de mexicanos.

TABELA 14
Composição étnica dos imigrantes nos Estados Unidos

Período	Região de origem			
	Ásia	Europa	América Central e do Sul	Outros
1950 -1960	131	1400	568	400
1960 -1970	365	1146	1247	457
1970 -1980	1360	874	1731	249
1980 - 1985	1596	407	1222	170

Fonte: Koerner (1990).

Como os fluxos de migrantes recentes são causados principalmente pelos diferenciais de renda no mundo, como no caso dos EUA apresentado acima, antes de discutirmos os fluxos de migrantes entre os países de terceiro e primeiro mundos serão apresentados alguns dados sobre a renda per capita das diferentes regiões do mundo. A tabela abaixo mostra os valores da renda por habitante expressos em dólares de 1990.

Como pode ser observado nesta tabela, o mundo pode ser dividido, grosso modo, em duas regiões muito distintas: uma rica e outra pobre. Na primeira parte do mundo se localizam: as antigas colônias inglesas, os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia; a Europa Ocidental; e o Japão. Estas regiões apresentavam uma renda por habitante superior a 10 mil dólares anuais em 1973 e superior a 15 mil dólares em 1998. Na segunda fica o restante do mundo: a América Latina, o Leste Europeu e a antiga União Soviética, a Ásia (menos o Japão) e a África. Nessa região da Terra, as rendas por habitante são muito inferiores aos da primeira parte.

Esta divisão é muito simplista. Existem países e regiões na primeira parte do mundo que apresentam condições socioeconômicas precárias e existem áreas na segunda parte, como os tigres asiáticos, que têm uma renda por habitante elevada. Apesar disso, ela servirá como base para o nosso raciocínio.

Um outro ponto que deve ser destacado é que, além de existirem diferenças muito grandes nos níveis de renda entre essas duas áreas, a variabilidade entre os países ricos e pobres foi amplificada nos últimos trinta anos, como mostra a última linha da tabela. Em 1973, as regiões ricas tinham uma renda por habitante 13 vezes superior ao das regiões em desenvolvimento. Apenas 25 anos depois, em 1998, esta mesma cifra já era 19 vezes. Como as regiões ricas atraem imigrantes, pois apresentam melhores condições de trabalho e renda com a conseqüente perda de população por parte das regiões pobres, esse aumento nos diferenciais regionais de renda ampliará ainda mais a tendência de formação de numerosos fluxos de migrantes.

TABELA 15
Renda por habitante média em diferentes regiões do mundo

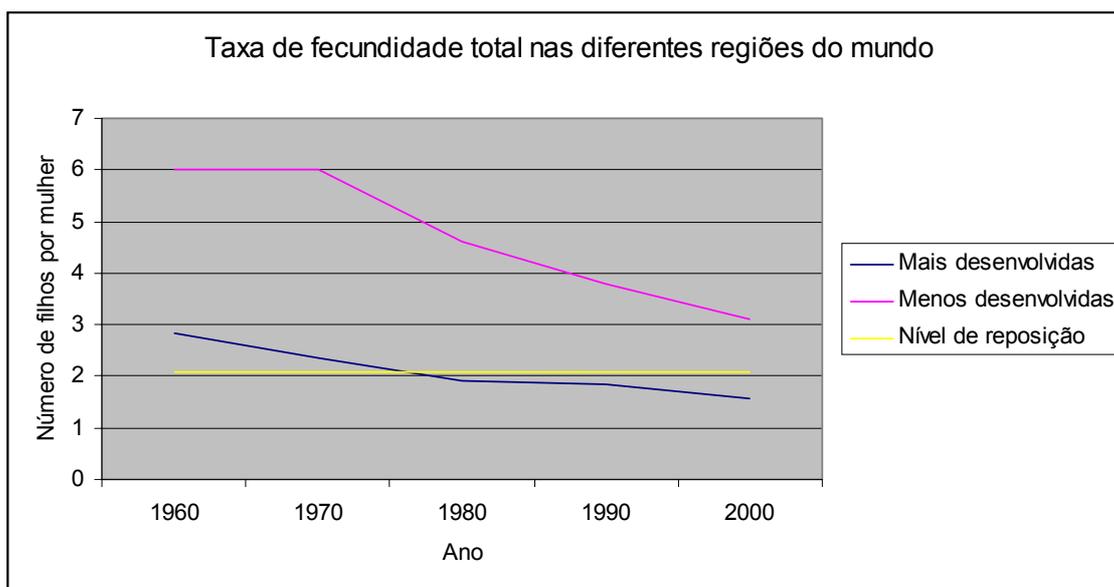
Região	Ano	
	1973	1998
Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia	16172	26146
Japão	11439	20413
Europa Ocidental	11534	17921
América Latina	4531	5795
Leste Europeu e antiga União Soviética	5729	4354
Ásia (menos o Japão)	1231	2936
África	1365	1368
Diferença entre países ricos e pobres	13 para 1	19 para 1

Fonte: Maddison, 2001.

Existe ainda um outro processo que se dá de forma paralela ao aumento da disparidade na distribuição de renda entre países que também influencia a migração de forma decisiva. Nos países de menor renda as mulheres têm em média muitos mais filhos do que nas regiões ricas. O gráfico abaixo mostra a **taxa de fecundidade total** (TFT) para as regiões mais desenvolvidas e menos desenvolvidas do mundo. Esta taxa pode ser entendida como o número de filhos que uma mulher teria ao alcançar 50 anos se ela tivesse as taxas específicas de fecundidade (ver acima item 2.4) atuais durante todo o seu período reprodutivo. De forma aproximada e um pouco incorreta, mas que ajuda no entendimento deste conceito, a média de filhos que as mulheres têm em uma determinada sociedade. Nos países desenvolvidos as mulheres tinham pouco menos de 3 filhos em média em 1960, enquanto que nas regiões menos desenvolvida esta média era de mais de 6 filhos por mulher. Em ambas as regiões, a fecundidade caiu muito e, em 2000, essas mesmas taxas eram respectivamente de 1,57 e 3,10.

Esta diferença nos níveis de fecundidade tem muitos efeitos significativos que influenciam diretamente o processo migratório. O primeiro é que as populações pobres crescem muito mais rapidamente que as ricas. Esse rápido crescimento populacional faz com que as populações dos países menos desenvolvidos por causada de fatores diversos como superpopulação, problemas ambientais, falta de terra arável, etc. apresentem uma tendência de se espalharem pelo restante do mundo. O segundo efeito é que as populações dos países desenvolvidos são muito mais velhas do que as dos países do terceiro mundo. Há uma maior proporção de idosos e uma menor proporção de crianças e jovens, por exemplo, em países europeus do que em países africanos. Assim, em alguns dos países mais ricos observa-se uma escassez de mão-de-obra para muitas das atividades profissionais. Esses países necessitam dos indivíduos vindos dos países mais pobres para suprir parte dessa carência. Um terceiro ponto é mais bem explicado pela linha que se chama **nível de reposição**, que tem um valor de aproximadamente 2,1 filhos por mulher, que foi também incluída no gráfico abaixo. No longo prazo, uma população que tem um nível de fecundidade abaixo deste nível tem a tendência de diminuir de tamanho, fato esse que já ocorre em alguns países. Como pode ser visto no gráfico 4, os países desenvolvidos já cruzaram esta linha na década de 70, a aproximadamente 25 anos, enquanto que os países do terceiro mundo ainda estão em um nível muito superior. Caso esses primeiros não recebessem migrantes, eles teriam, além de sérios problemas de produtividade devido a escassez de mão-de-obra, uma tendência de diminuição em sua população total, o que acarretaria uma série de problemas, dentre eles, a falência da previdência e o fim da aposentadoria para idosos como conhecemos hoje.

GRÁFICO 4



Fonte: ONU, 2000. Dados trabalhados.

Para exemplificar esta necessidade que os países em desenvolvimento têm da migração, serão apresentados alguns dados sobre o que ocorreria com a população de alguns desses países se eles não recebessem migrantes dos países pobres. Como mostram os dados da tabela abaixo, a população de quatro países selecionados iria diminuir de forma marcante.

TABELA 16

Projeção da população de alguns países desenvolvidos caso o saldo migratório fosse zero

Ano	País			
	Alemanha	Japão	Itália	Espanha
2000	81	127	57	39
2015	76	126	54	38
2030	68	116	48	35
2050	54	99	38	28

Fonte: McDonald e Kippen, 2001.

Mas esta diminuição da população não ocorrerá na maioria dos países ricos no curto prazo. O saldo migratório em quase todos eles é significativamente positivo, como mostra a tabela abaixo. A Europa Ocidental, os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia apresentaram um saldo migratório positivo de mais de 20 milhões de pessoas entre os anos de 1950 e 1973 e de mais de 30 milhões entre os anos de 1974 e 1998. O Japão é um caso a parte. Apesar de deter uma elevada renda por habitante, esse país não atrai população e deverá ter sua população muito diminuída no futuro.

TABELA 17
Saldo migratório de regiões desenvolvidas do mundo

Região	Período			
	1870-1913	1914-1949	1950-1973	1974-1998
Total da Europa Ocidental	-13996	-3662	9381	10898
Japão	-	197	-72	-179
Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia	17856	7239	12663	21639

Fonte: Maddison, 2001

3.4. Padrões migratórios recentes no Brasil

Como foi visto anteriormente na discussão sobre os padrões migratórios antigos, o Brasil apresentou saldos migratórios positivos e de grande magnitude no período entre o fim do século 19 e o começo do século 20. Entretanto, atualmente, como apresentado acima nos padrões migratórios recentes no mundo, os fluxos de migrantes são preferencialmente das regiões em desenvolvimento para as já desenvolvidas e o Brasil não foge a regra geral dos países do terceiro mundo. Nas últimas décadas, esse país tem absorvido menos imigrantes do que tem perdido emigrantes para os demais países do mundo. Esse fato pode ser relacionado com o fraco desempenho econômico brasileiro nas décadas de 80 e 90. Nessas décadas, como mostra a tabela a seguir, o Brasil apresentou cifras de crescimento econômico muito abaixo do que havia experimentado nas décadas anteriores.

TABELA 18
Crescimento médio anual do produto interno bruto por habitante no Brasil

Período	Crescimento médio anual do PIB por habitante
1950 – 1973	3,73
1973 – 1980	4,26
1980 – 1990	-0,54
1990 – 1999	1,07

Fonte: Maddison, 2001.

Segundo dados do autor, entre os anos de 80 e 90, o Brasil apresentou um saldo migratório negativo muito superior a 1 milhão de pessoas, fato que se repetiu na década seguinte. Uma estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou que o saldo migratório somente para jovens com idade entre 24 e 33 anos era de -1,3 milhão entre os anos de 1991 e 2000 (Prefeitura do Município de São Paulo, 2002).

Existem muitas razões que explicam esta perda de população. Uma delas, sem dúvida, é o baixo crescimento da economia brasileira recentemente que teve como consequência a promoção de altas taxas de desemprego, principalmente entre jovens. A tabela a seguir mostra alguns dados.

TABELA 19
Taxa de desemprego para homens e mulheres em diferentes anos

Faixa etária	Homens		Mulheres	
	1989	2001	1989	2001
15 a 19	5,5	22,6	6,2	30,7
20 a 24	5,3	12,8	5,3	20,9
25 a 29	3,7	7,5	3,5	15,3
30 a 34	2,4	5,6	2,2	11,8

Fonte: Rios-Neto e Golgher, 2003.

Outro fator importante que promove a perda populacional brasileira são as altas taxas de violência existentes principalmente nos centros urbanos de tamanho médio e grande. A seguir são apresentados alguns dados sobre o tema. Na tabela 20, onde são mostradas as taxas de homicídio por 100.000 habitantes em diferentes países para jovens com idade entre 15 e 24 anos. Esses países selecionados podem ser divididos em dois grupos muito distintos. No primeiro, as taxas de homicídio para homens são inferiores a duas mortes por 100 mil habitantes por ano e para mulheres são inferiores a uma morte. Neste grupo temos alguns países desenvolvidos: Espanha, França, Israel e Suécia. Um segundo grupo contém os países muito violentos: Brasil, EUA, México e Rússia. Todos esses países têm cifras muito superiores ao dos demais países selecionados, com destaque para o Brasil entre os homens e para a Rússia entre as mulheres.

TABELA 20
Taxa de homicídios para diferentes países para jovens com idade entre 15 e 24 anos

País	Taxa de homicídios por 100 mil habitantes	
	Homens	Mulheres
Brasil (1997)	80,4	6,4
Espanha (1995)	1,3	0,3
EUA (1997)	27,9	4,7
França (1996)	1,2	0,6
Israel (1996)	1,9	0,6
México (1995)	39,7	3,9
Rússia (1997)	30,0	8,6
Suécia (1996)	0,7	0,6

Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo, 2002.

Além dessa perda populacional para o exterior, o Brasil, país de grande extensão e variabilidade regional muito marcante, apresenta significativos fluxos migratórios internos. Alguns estados tendem a perder população, enquanto que com outros ocorre o contrário. A seguir é descrita uma análise com os SMs dos estados brasileiros, feita a partir das técnicas indiretas e que inclui, portanto, os SM internos e internacionais.

3.4.1. Migração recente no Brasil com a utilização de técnicas indiretas

Os fluxos de migrantes internos no Brasil em conjunto com as migrações internacionais e os efeitos indiretos da migração promovem saldos migratórios significativos na maioria dos estados brasileiros. Como já brevemente discutidos na apresentação dos principais padrões de migração recente no mundo, são muitas as razões que promovem a formação de fluxos de migrantes. Os dados que serão apresentados a seguir foram agrupados a partir da principal razão que determinaria a criação destes fluxos migratórios.

Nas décadas de 80 e 90, um dos principais pontos que promoveram a formação dos fluxos de migrantes no Brasil foi a existência de espaços territoriais menos densamente povoados que foram ocupados por emigrantes de outras áreas mais adensadas. Esse fenômeno foi, em parte, semelhante ao que o mundo viveu em grande medida no fim do século 19. Algum dos estados brasileiros ainda apresentava fronteira de ocupação tais como os estados que se localizam ao norte do país, caso do Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima, ou próximos da franja sul da floresta amazônica, como Mato Grosso.

A tabela abaixo mostra o SM para esses estados citados nos períodos entre 1980 e 1990 e entre 1991 e 1996. Todos esses estados citados apresentaram saldos migratórios positivos no primeiro destes períodos, com particular importância para os estados do Mato Grosso, Pará e Rondônia que tiveram saldos migratórios superiores a 100 mil pessoas. Em conjunto, esses estados tiveram um saldo migratório positivo de mais de 1 milhão de pessoas.

Na primeira metade da década de 90, observa-se que esta tendência de absorção populacional perdeu muito de sua força, o saldo migratório total destes estados foi menor que 100 mil indivíduos. Além disso, todos os estados perderam em poder de atração de imigrantes, a exceção do Amapá, com destaque para Rondônia que inclusive apresentou perda populacional.

TABELA 21
Saldo migratório para alguns estados brasileiros

Estado	Saldo Migratório entre 1980-1990	Saldo Migratório entre 1991-1996
Amapá	22111	43370
Amazonas	49702	22791
Mato Grosso	392639	24802
Pará	214677	3146
Rondônia	339323	-28053
Roraima	92285	10400
Total	1110736	76456

Fonte: FIBGE, 1980, 1991, 1996. Dados trabalhados.

Parte destes dados faz parte de um projeto sobre dinâmica econômica no Brasil, vinculado ao ISPN e ao IPEA.

Uma consequência direta desses fluxos imigratórios de grande magnitude é a ocorrência de grandes áreas desmatadas na floresta amazônica. Os estados que mais receberam migrantes na década de 80, como Mato Grosso, Pará e Rondônia, foram os que mais perderam em cobertura vegetal. Entre os anos de 80 e 96, esses estados foram desflorestados com uma taxa anual aproximada respectiva de 6.000 Km², 6.000 Km² e 2.500 Km². O estado do Amazonas que recebeu um menor fluxo líquido de migrantes foi também o menos desmatado com uma taxa de aproximadamente 1.100 Km² por ano no período citado.

Assim como foi discutido nos padrões recentes de migração no mundo, grande parte da migração brasileira é motivada pelos diferenciais de renda existente entre os estados brasileiros. Alguns estados que apresentaram saldo migratório positivo em ambos períodos, como o Distrito Federal e São Paulo estão entre os de mais alta renda por habitante no país. A tabela 22 mostra esses resultados.

TABELA 22
Saldo migratório para alguns estados brasileiros

Estado	Saldo Migratório entre 1980-1990	Saldo Migratório entre 1991-1996
Distrito Federal	46133	61320
São Paulo	1317488	458428

Fonte: FIBGE, 1980, 1991, 1996. Dados trabalhados.

Parte destes dados faz parte de um projeto sobre dinâmica econômica no Brasil, vinculado ao ISPN e ao IPEA.

Por outro lado, a região mais pobre do país, a Região Nordeste, teve um saldo migratório negativo bastante expressivo, como mostra a tabela abaixo. Em conjunto, esta região perdeu para os demais estados brasileiros e para os demais países quase 4 milhões de pessoas entre os anos de 1980 e 1996. Todos os estados, com exceção do Sergipe, que é justamente um dos que apresenta condições sociais menos precárias, tiveram saldos migratórios negativos nos dois períodos analisados. Os fluxos de emigrantes nordestinos em direção a Região Sudeste, em especial para São Paulo, é um fenômeno muito conhecido e explica grande parte destes SM negativos.

TABELA 23
Saldo migratório para alguns estados brasileiros

Estado	Saldo Migratório entre 1980-1990	Saldo Migratório entre 1991-1996
Alagoas	-98419	-104517
Bahia	-327274	-207433
Ceará	-524736	-175551
Maranhão	-386854	-213420
Paraíba	-329181	-178588
Pernambuco	-541145	-251986
Piauí	-246913	-146539
Rio Grande Do Norte	-38728	-72169
Sergipe	6895	-1096
Total	-2486356	-1351298

Fonte: FIBGE, 1980, 1991, 1996. Dados trabalhados. Parte destes dados faz parte de um projeto sobre dinâmica econômica no Brasil, vinculado ao ISPN e ao IPEA.

A explicação acima para a existência dos saldos migratórios dos estados brasileiros foi bastante simplificada. Foi apontado apenas um dos fatores envolvidos na formação dos fluxos de migrantes, mesmo que ele seja o mais relevante. Mas na maioria das vezes devemos levar em conta várias características distintas para tentar explicar a formação dos fluxos de migrantes. Uma discussão mais detalhada sobre os determinantes da migração será abordada a seguir.

Porém, antes disso, são mostrados na tabela abaixo os dados de SM dos demais estados brasileiros. Para esses estados, uma discussão sobre os determinantes da migração teria que envolver muitas outras variáveis.

TABELA 24
Saldo migratório para alguns estados brasileiros

Estado	Saldo Migratório entre 1980-1990	Saldo Migratório entre 1991-1996
Acre	-15504	3525
Espírito Santo	35837	-5874
Goiás	-52474	184962
Mato Grosso do Sul	-23427	-28670
Minas Gerais	-672149	-166787
Paraná	-934840	-118693
Rio de Janeiro	-230895	-74091
Rio Grande do Sul	-132383	-119058
Santa Catarina	3671	-35109

Fonte: FIBGE, 1980, 1991, 1996. Dados trabalhados. Parte destes dados faz parte de um projeto sobre dinâmica econômica no Brasil, vinculado ao ISPN e ao IPEA.

4. DETERMINANTES DA MIGRAÇÃO

Alguns conceitos referentes aos determinantes da migração já foram introduzidos nas seções anteriores quando foram apresentados os padrões migratórios recentes no Brasil e no mundo. esse mesmo tópico será abordado a seguir de forma mais detalhada em muitos de seus fatores tais como: diferenciais regionais e razões para a migração; fatores “push” e “pull”; e custos da migração.

4.1. Diferenciais regionais e razões para a migração

Quando discutimos os padrões migratórios na virada do século 19 para o 20, vimos que uma das principais razões que promoviam os fluxos migratórios era a existência de muitos países ainda não densamente povoados. A apresentação dos padrões migratórios recentes no mundo deu ênfase ao diferencial de renda existente entre os vários países do mundo. Em ambos os casos, dizemos que o indivíduo fez a opção em migrar, o que é muito diferente do que ocorreu com os negros africanos na época da escravidão que vinham para as Américas de forma forçada.

Aqui daremos ênfase para a migração “espontânea”. Nesse caso, a pessoa pode fazer a opção se vai se mudar ou não. Entende-se que ela faz uma análise dos custos envolvidos na migração e nos benefícios que ela poderá ter caso troque de local de residência. Inicialmente, ele resolve se realmente vale a pena se mudar. Se ele resolver que a migração é a melhor opção, ele deve escolher o destino que parece ser o mais atraente dentre todas as opções (note que esses dois passos podem ser feitos de uma vez só). Nessa análise, o indivíduo compara seu local atual de moradia com as diversas possibilidades de destino para onde ele pode se mudar, escolhendo a opção que lhe parece mais compensadora.

O indivíduo buscaria dentre todas as possibilidades, a região mais atraente. Surge então um problema a ser explicado: o que torna uma região mais atraente do que uma outra? A resposta é: por causa de uma série de fatores como características econômicas, além de outras facetas políticas, sociais e físicas do local. De forma geral, considera-se os fatores econômicos os mais importantes. Dentre esses, pode-se destacar as diferenças de salários entre as várias regiões, as possibilidades diferenciadas de obtenção de empregos, o custo variável de moradia e de vida, a maior presença de empregos na indústria, etc.

Apesar do predomínio dos fatores econômicos, variáveis não-econômicas também são importantes, principalmente em países do primeiro mundo e para as camadas mais ricas da população em países em desenvolvimento. Melhorar a qualidade de vida em tópicos não diretamente relacionados à renda ou ao mercado de trabalho seria um dos principais fatores não-econômicos associados à migração. Os locais mais atraentes seriam aqueles com melhores condições climáticas, com menor criminalidade, com melhores oportunidades de lazer, com menos poluição, com menos congestionamento de tráfego, com melhores condições de moradia, etc. Em países de renda baixa e média, a família e amigos são muito importantes como rede de proteção social e núcleo de atividades sociais. Uma das principais razões para que a migração ocorra seria por razões familiares ou com o objetivo de reencontrar amigos e familiares que previamente migraram. Outros fatores muito presentes na literatura especializada seriam: o desejo de viver em uma cidade maior; por problemas de saúde; para poder usufruir melhores possibilidades educacionais; para fugir da violência rural ou urbana; e para fugir da instabilidade política.

Como exemplo, em um estudo feito nos Estados Unidos foram observadas as seguintes razões dentre as principais para a migração entre estados americanos na década de 70: transferência de trabalho; procura ou obtenção de novo trabalho; mudança para um local mais próximo de familiares; entrada nas forças armadas; busca por melhor clima; para estudar em outra localidade; e aposentadoria (Long e Hansen, 1979).

Em outro estudo que abordou esta questão para o estado de Minas Gerais no Brasil, observou-se, que os fluxos de migrantes tinham como origem preferencial áreas de baixa renda e com pouca presença da indústria e como destino regiões ricas e muito urbanizadas (Golgher, 2001).

4.2. Fatores “push” e “pull”

Como descrito acima, as diferenças regionais atuam diretamente sobre as razões que fazem um indivíduo trocar de local de moradia ou permanecer em seu local de origem. Dois grupos de fatores atuam em conjunto na formação dos fluxos de migrantes: a baixa qualidade de vida no local de origem

e um melhor nível de vida no local de destino. Os determinantes da migração são usualmente descritos a partir desses dois grupos. Esses são respectivamente conhecidos como: fatores “push”, que significa ser empurrado ou impelido; e “pull”, que significa ser puxado ou atraído.

A força principal subjacente ao processo migratório na linha dos fatores “push” seria o baixo nível de qualidade de vida no local de origem. Assim, o indivíduo teria um ganho muito baixo em seu local atual de moradia, sendo que qualquer outro local de moradia apresentaria um ganho superior. Dessa forma, o indivíduo teria uma grande propensão a mudar, menos por causa de um alto retorno em um novo local de moradia e mais por causa do baixo retorno em seu local atual de residência. O migrante em potencial seria, então, impelido a sair de seu local de origem e não, essencialmente, atraído por outros sítios.

Indivíduos na base da pirâmide social tendem a apresentar uma condição precária de vida em seu local atual de residência, principalmente por causa de fatores econômicos como a dificuldade de obtenção de níveis mínimos de renda que garantam sua subsistência. Esses indivíduos seriam impelidos a trocar de local de domicílio pela incapacidade de se manterem em sua condição atual de moradia de forma satisfatória. A expulsão do homem do campo por causa da mecanização crescente no meio rural seria um exemplo clássico deste fenômeno. Assim, acredita-se que as classes mais desfavorecidas em termos de renda preocupem-se quase que exclusivamente com questões econômicas e, ao migrar, façam isso basicamente pelas forças “push”.

Por outro lado, os fatores “pull”, se referem ao local de destino. Os ganhos neste local seriam suficientemente elevados e, assim, os indivíduos seriam atraídos para novos locais de residência muito atrativos. A força maior no processo migratório seria proveniente da atração do novo local de moradia e não da baixa qualidade de seu local atual de moradia. Indivíduos localizados nos níveis mais altos de renda, que já tem uma boa qualidade de vida em seu local atual de moradia só se mudariam si as vantagens no destino forem muito marcantes. Aqui ocorre o contrário dos fatores “push”. O nível de vida já é elevado no local de origem e a migração só ocorrerá se no destino o ganho em termos de qualidade de vida for ainda maior. Assim, uma combinação de fatores “pull” seria mais importante para esses indivíduos no topo da pirâmide social.

Estes fatores acima citados são uma boa forma de se discutir o processo migratório em termos simples e diretos. Todavia, na maioria dos casos, quando o indivíduo troca de local de residência, ambos os fatores estão atuando em conjunto e de forma inter-relacionada.

4.3. Custos da migração

Quando um indivíduo ainda está pensando se irá migrar ou não, ele analisa as várias possibilidades que tem para trocar de município. Dadas as características regionais de cada área e a atuação dos fatores “push” e “pull”, um migrante em potencial verifica se as opções de novos locais de moradia realmente valem a pena. Nesse processo de decisão, o indivíduo analisa os benefícios e os custos associados à mudança. Se esses últimos forem maiores que os primeiros, a migração não ocorre. Mas, algumas vezes, os benefícios no local de destino são suficientemente maiores do que os benéficos no atual local de domicílio para que compensem os custos da mudança.

A atratividade relativa entre as ‘varias possibilidades de destino já foram abordados anteriormente na discussão das diferenças regionais e razões para migrar. Quanto aos custos associados à migração, eles podem ser de ordem material ou de outros tipos. Qualquer troca de local de domicílio envolve gastos em dinheiro: preço da passagem de ônibus, preço da gasolina, do carreto, da mudança em si, etc. Mas esse não é a única forma de custos. Antes de migrar o indivíduo deve procurar informações sobre os melhores locais para onde se mudar e isso também pode custar tempo e dinheiro. Além disso, durante o tempo da migração, a pessoa não está trabalhando e assim está deixando de ganhar seu salário. Mas quase sempre os maiores custos são os psíquicos: deixamos para trás amigos e familiares, nossa casa e local onde vivíamos, o espaço onde passamos a infância, etc. No novo local devemos nos adaptar a um novo habitat e, talvez, a uma nova profissão. Novos laços afetivos terão que ser feitos.

Acredita-se que quanto maior for a distância entre onde vivíamos e para onde estamos indo maiores são os custos associados à mudança de local de domicílio. Desta maneira, se trocamos de domicílio em um mesmo bairro nossa vida muda muito pouco e os custos da migração são pequenos. Se mudarmos de cidade, temos que trocar de escola, de emprego, de amigos: os custos são, portanto, maiores. Às vezes mudamos de país, no caso as dificuldades são ainda maiores.

Mas existem outros fatores envolvidos no processo migratório que fazem da distância uma medida apenas aproximada dos custos da migração. Dependendo da situação podemos migrar para um local muito longe e os custos da migração podem ser baixos. Um fator importante na diminuição dos custos associados à migração é a existência de uma rede social no local de origem e destino do migrante em potencial. Por exemplo, amigos e parentes podem ajudar a pagar as despesas da mudança e acolher o recém-migrado. Podem também no destino: oferecer-lhe moradia, comida, amizade e calor humano; arrumar-lhe emprego; informar-lhe sobre as condições do mercado de trabalho existentes no novo local de moradia; diminuir os custos associados à procura de um novo emprego, moradia ou local de residência, etc. Amigos e familiares atuam facilitando, e mesmo possibilitando, a troca de local de domicílio.

Mesmo com a ajuda de amigos e parentes, às vezes, a pessoa não tem os recursos necessários para mudar diretamente do local onde vive para o local aonde deseja morar. Caso o indivíduo não disponha de todos os recursos ou informações para fazer uma longa etapa de migração, ele tem como alternativa a migração em etapas, também conhecida como migração em cadeia. O indivíduo migra de sua localidade para uma outra próxima com custos menores associados à troca de domicílio. Conseguir recursos nessa nova localidade e muda uma vez mais de cidade, e assim sucessivamente em várias etapas de migração curtas, até que atinja seu destino final preferencial. Um exemplo seria um morador do interior de Pernambuco que quer ir para São Paulo, mas não dispõe dos recursos necessários. Ele pode ir primeiro para Petrolina, depois para o Recife, e finalmente para São Paulo.

Quando foram apresentados os fatores “push” e “pull”, discutiu-se que pessoas com renda distinta tendem a dar mais importância para um ou outro fator. Além disso, pessoas com renda diversa são capazes de absorver os custos da migração de forma distinta. As pessoas que migram diferem de certa maneira dos indivíduos que preferem permanecer no local de origem. Esse é o próximo tópico a ser discutido.

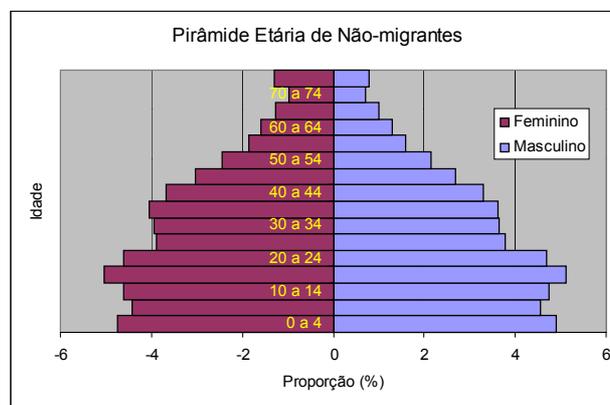
5. A SELETIVIDADE DO MIGRANTE

Quando você imagina uma pessoa migrando de uma cidade para outra, você tem em mente um jovem ou um idoso? Uma pessoa de baixa renda ou um milionário? Um trabalhador ou um desempregado? Na média, o migrante não é totalmente similar aos indivíduos que permanecem no mesmo local. Ele difere em vários atributos pessoais. Dizemos que certos indivíduos têm uma maior propensão a migrar do que outros. Para um mesmo estímulo algumas das pessoas migram enquanto que outras não. A seguir serão discutidos alguns dos atributos pessoais que aumentam ou diminuem a mobilidade das pessoas.

5.1. Seletividade por idade

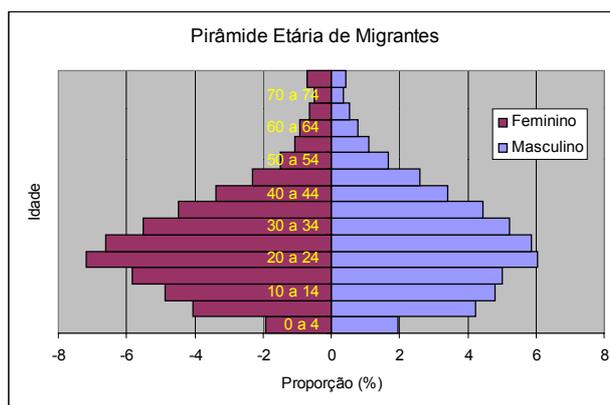
Um dos fatores que influem na decisão do indivíduo de migrar ou não é a idade dele. As pessoas mais jovens tendem a ser mais moveis do que o restante da população. A seguir são apresentados dois gráficos com as pirâmides etárias de migrantes e não-migrantes em Minas Gerais para o ano de 2000. Os dados apresentados para esse estado mostram o mesmo padrão observado para muitos outros países e regiões. Verifica-se que os migrantes são mais jovens que os não-migrantes. Esses primeiros aparecem em maior proporção até idades próximas de 40 anos. Depois dessa idade a tendência se reverte.

GRÁFICO 5



Fonte: FIBGE, 2000. Dados trabalhados.

GRÁFICO 6



Fonte: FIBGE, 2000. Dados trabalhados.

5.2. Seletividade por renda e escolaridade

Dentre os outros fatores que alteram a mobilidade das pessoas dois deles são muito importantes: a renda e a escolaridade. Indivíduos com maior renda e escolaridade tendem a ser mais moveis que os demais. Duas das razões para isso ocorra são que pessoas com maior renda absorvem melhor os custos da migração e participam de um mercado de trabalho mais amplo do que as pessoas com renda menor. Quando pensamos em migrantes no Brasil, pensamos em pessoas de baixa renda fugindo de condições precárias de vida. Esta imagem é apenas parte do que realmente ocorre.

Dois estudos serão apresentados a seguir para exemplificar esta questão. O primeiro deles foi feito nos Estados Unidos. Os dados são descritos na tabela a seguir. Pessoas com escolaridade mais alta eram mais moveis que as demais pessoas. Dentre os indivíduos que tinham curso superior completo 8,5% das pessoas haviam trocado de estado dentro dos Estados Unidos entre 1980 e 1981. Para aqueles com até o primeiro grau completo a cifra era de apenas 3,3%.

TABELA 26

Proporção de migrantes por nível de escolaridade para os Estados Unidos

Nível Educacional	Até primeiro grau completo	Até segundo grau completo	Curso superior incompleto	Curso superior completo
Porcentagem que migrou entre 1980-1981	3,3%	5,9%	7%	8,5%

Fonte: US Bureau of the Census, 1984.

Esta mesma tendência foi observada para Minas Gerais como mostra a tabela abaixo. Esta tabela inclui uma comparação entre migrantes e não-migrantes para algumas variáveis de renda e escolaridade. Como os migrantes são, em geral, mais jovens que os não-migrantes e a idade influi na renda e na escolaridade, foram incluídos na tabela todos os migrantes e não-migrantes sem limite de idade e aqueles com idade entre 20 e 29 anos.

Os dados para todas as idades e para aqueles que consideram apenas pessoas entre 20 e 29 anos apresentam o mesmo quadro geral: os migrantes tinham renda familiar e escolaridade superior aos não-migrantes em todos os casos analisados.

TABELA 27
Comparação da renda e grau de escolaridade para migrantes e não-migrantes em Minas Gerais em 1991

Variável	População não-migrante	População migrante	População não-migrante entre 20 e 29 anos	População migrante entre 20 e 29 anos
Renda nominal média familiar	4,5	5,2	4,7	5,1
Taxa de alfabetização	77,7	83,3	91,5	93,1
Anos de estudo	4,0	4,7	6,1	6,4

Fonte: FIBGE, 1991. Dados trabalhados. Retirado de Golgher, 2001.

5.3. Seletividade por estado civil e tamanho da família

Dois últimos pontos de diferenciação entre migrantes e não-migrantes serão apresentados: a influência do tamanho da família e do estado civil. Famílias menores nos Estados Unidos mostraram uma maior propensão a migrar. Contando apenas com casais cujos maridos tinham idade entre 25 e 34 anos, observou-se uma diminuição da mobilidade com o aumento no número de filhos. Dentre os que não tinham filhos, 42% migraram em um ano. Esta cifra caiu para 33% quando o casal tinha um filho e 26% para casais com quatro ou mais filhos.

Quanto ao estado civil, em geral, as pessoas recém-casadas tendem a ser mais moveis do que as solteiras. Estudos nos Estados Unidos mostraram que 90% das mulheres entre 25 e 34 anos que estavam se casando pela primeira vez migraram durante o ano de 1970 e 1971. Os dois estudos citados indicam que a presença de um esposo ou esposa parece diminuir os custos associados à migração enquanto que a existência de filhos faz com que a migração seja mais difícil.

Mas ao contrário dos indivíduos recém-casados, as pessoas casadas a mais tempo nem sempre são mais moveis do que as solteiras. Na literatura especializada existe uma discordância sobre quem teria mais propensão a migrar, solteiros ou casados. Em MG, como mostram os dados mostrados na tabela a seguir, observou-se que os casados apareciam em maior proporção entre os migrantes em qualquer das idades analisadas do que os solteiros.

TABELA 28**Distribuição da população e dos migrantes de Minas Gerais quanto ao estado civil**

	População não-migrante	População migrante	População não-migrante entre 20 e 29 anos	População migrante entre 20 e 29 anos
Casados	46,4	51,2	43,2	56,5
Separados, viúvos e outros	8,1	7,2	2,7	3,8
Solteiros	45,5	41,6	54,2	39,7

Fonte: FIBGE, 1991. Dados trabalhados. Retirado de Golgher, 2001.

5.4. Síntese das diferenças entre migrantes e não-migrantes

Além de todos os fatores descritos acima, muitos outros são importantes na determinação da mobilidade de indivíduos, tais como a profissão do indivíduo, raça, etc. A seguir será descrita uma síntese das diferenças entre migrantes e não-migrantes que foi baseado no descrito por Castiglione (1989) com pequenas modificações:

“indivíduos reagem de forma diferenciada quando confrontados com os fatores que induzem à migração. Aqueles que respondem ao estímulo têm algumas características comuns que os diferenciam dos demais que não reagem a tal estímulo. Essas características são ligadas, principalmente, à idade, à instrução e à especialização, ao estado civil, às aspirações e ao sexo. Pode-se então descrever um migrante típico como um adulto jovem, com certo nível de instrução, que irá buscar uma colocação no mercado de trabalho do centro urbano, onde terá melhores chances de realizar suas aspirações. Os migrantes são, ainda, pessoas mais orientadas para a conclusão de objetivos e com melhores relações pessoais”.

6. CONSEQÜÊNCIAS DA MIGRAÇÃO

Quando uma pessoa troca de local de residência, ela muda de vida e também provoca mudanças, mesmo que ligeiras, nos locais de onde emigrou e para onde imigrou. Assim, as conseqüências da migração podem ser estudadas tanto a partir do ponto de vista pessoal como regional. A seguir serão discutidas ambas as formas de análise a respeito das conseqüências da migração, começando desse primeiro tipo de conseqüência.

6.1. Conseqüências individuais

A troca de local de domicílio pode ter profundo impacto sobre a vida de uma pessoa. A migração pode ser uma oportunidade para um indivíduo viver em um ambiente com características sociais, econômicas, políticas e físicas muito diferentes e, na opinião do migrante, melhores do que em seu local de origem. Novas oportunidades de estudo, trabalho e lazer podem existir. Melhores

condições ambientais e de moradia podem ser experimentadas. Novas relações sociais são materializadas e realizações pessoais impossíveis de serem alcançadas no antigo local de moradia são satisfeitas. Em muitos casos, os migrantes conseguem obter rendas superiores do que teriam em seu local de origem e novas oportunidades educacionais e profissionais são vivenciadas. São muitas as possibilidades de se obter uma vida melhor em um novo local de moradia.

Quando uma pessoa não-migrante observa a vida que muitos dos imigrantes levam em um grande centro urbano, ela, em geral, pensa que esses últimos são uns infelizes e que eles fizeram uma péssima escolha ao sair de seu local de origem. Entretanto, segundo muitos autores (Gugler, 1988 e 1992), esta não é a opinião da maioria dos imigrantes. Em geral, os migrantes estão satisfeitos com seu novo local de moradia, apesar de não parecer para um observador externo.

Como apontado acima, os ganhos com a migração são positivos em muitos casos. Porém, o processo de adaptação é muitas vezes difícil e envolve um grande custo pessoal. As relações pessoais antigas foram parcialmente rompidas e as novas ainda não foram sedimentadas. O migrante recém-chegado pode ficar um longo período desempregado, vivendo em condições adversas ou mal ajustado em seu novo local de moradia. Em muitos casos as dificuldades são tão grandes ou mal avaliadas que o migrante retorna para seu local de origem ou busca um novo local de moradia em outra cidade. Mesmo com todos os problemas existentes no processo migratório é cada vez maior o número de pessoas vivendo em locais diferentes de sua origem. Em países do terceiro mundo onde existem diferenças regionais marcantes, grandes fluxos de migrantes são criados e esses alteram de forma marcante a distribuição populacional dessas regiões com profundas conseqüências sociais e regionais.

6.2. Conseqüências regionais e sociais

A troca de população entre as diversas regiões tem conseqüências bastante marcantes nas regiões que absorvem e perdem população. Uma primeira, muito evidente, seria o aumento das taxas de crescimento populacional de regiões que recebem migrantes e uma diminuição nessas taxas nas áreas que perdem população. Algumas regiões crescem rapidamente, como foi o caso da cidade de São Paulo em grande parte do século XX, enquanto que outras áreas, como grande parte do meio rural com baixo nível de desenvolvimento social, tendem a apresentar uma população numericamente estagnada ou até mesmo declinante.

Como discutido acima, o migrante apresenta características diferentes do restante da população. esse fato traz importantes implicações para os locais de origem e destino de migrantes, além das alterações nos regimes de crescimento populacional acima citadas. Por exemplo, os diferenciais entre migrantes e não-migrantes alteram as composições relativas das populações nesses locais. Como os fluxos de migrantes apresentam maiores proporções de pessoas entre 20 e 29 anos do que o observado na população, esses fluxos podem ter conseqüências na estrutura etária dos locais de origem e destino do migrante. Assim, os locais com intensos fluxos emigratórios tendem a perder grande quantidade de indivíduos nessas faixas etárias enquanto que os locais que recebem grandes fluxos imigratórios tendem a apresentar maiores proporções de pessoas nessas mesmas idades. Dessa maneira, em geral, o local que recebe muitos migrantes exibe maior proporção de indivíduos em idade de procriar e trabalhar. As regiões que perdem população apresentam uma maior tendência de apresentar maiores proporções de idosos.

A composição da população atua diretamente nas características sociais e econômicas de uma região, bem como de outros fatores. Os locais com grande poder de atração de migrantes terão uma maior proporção de pessoas em idade de trabalhar buscando empregos. esse fato pode ter um profundo impacto nas taxas de desemprego. Além disso, muitos jovens se casam e querem ter sua própria família e residência, aumentando, assim, a demanda por moradias e serviços de maternidade deve ser maior do que em outras áreas.

Por outro lado, as regiões que perdem população apresentam, na maioria das vezes, maiores proporções de idosos do que teriam caso não ocorresse a migração. Essas áreas podem apresentar uma menor demanda por escolas, ter falta de mão-de-obra específica, etc.

Acredita-se que algumas regiões se beneficiam da migração enquanto que outras seriam prejudicadas por ela. A diferença seria causada pelo tipo de migrante que cada uma atrai ou perde. As regiões que atraem indivíduos com escolaridade mais elevada ou que perdem trabalhadores pouco qualificados seriam beneficiadas. As áreas que perdem pessoas qualificadas ou que atraem trabalhadores pouco educados seriam as prejudicadas.

Esta visão é bastante simplificada, mas serve como base para as futuras discussões. Por exemplo, a atração de trabalhadores de baixa escolaridade pode ser também benéfica para as regiões que os absorvem dependendo de muitas das características locais e dos fluxos de migrantes. Qualquer análise sobre as conseqüências regionais da migração deve levar em conta muitos fatores, inclusive dados sobre as outras componentes da dinâmica demográfica – a fecundidade e a mortalidade - e as interações entre elas. Cada caso deve ser analisado de forma específica e com muito cuidado.

A seguir serão descritos alguns exemplos de troca populacional e suas conseqüências mais evidentes.

Muitas das regiões menos desenvolvidas da Terra, como muitos dos países do Terceiro Mundo, tendem a perder muitos de seus profissionais mais qualificados para países desenvolvidos. De forma geral, esses últimos oferecem melhores salários e melhores condições de trabalho. esse fenômeno é conhecido como “Brain Drain”. Ele acarreta tantas conseqüências no desenvolvimento dos diversos países que é considerado pelo Banco Mundial como um dos principais fatores que irão remodelar o mundo neste século. Por exemplo, muitos dos indianos mais qualificados em desenvolvimento de software trabalham hoje nos Estados Unidos. Enquanto que a Índia perde muitos de seus melhores profissionais na área, os Estados Unidos se beneficiam da absorção dessa mão-de-obra qualificada. Muitos dos melhores profissionais da Microsoft são originados da Índia. Não é por acaso que Bill Gates seja um dos principais interessados em manter um fluxo constante de imigrantes altamente qualificados deste país com destino nos EUA.

Por outro lado, muitos dos profissionais que migram de um país para outro mantêm vínculos com seu país de origem, vínculos esses muitas vezes benéficos. Assim, muitas das regiões mais pobres da Terra que perdem parte de sua população para as regiões mais desenvolvidas ganham grande afluxo de moeda forte enviada pelos seus antigos moradores para familiares e amigos que permaneceram no local de origem. Um caso clássico seria a relação entre mexicanos, que vivem e trabalham nos Estados Unidos, que são da ordem de dezenas de milhões, e seu país de origem. Muitos deles enviam dinheiro para seus familiares e amigos que permaneceram no México, enriquecendo assim sua sociedade de

origem. Em alguns países muito pobres e com um forte histórico de perda de população, como é o caso do Cabo Verde, antiga colônia portuguesa, o dinheiro recebido desta maneira compõe mais de um quinto de todas as atividades econômicas do país, sendo vital para o desenvolvimento do país. Cuba é outro exemplo. Uma das principais fontes de dólares que esse país tem, ao lado da exploração de turismo e da exportação de açúcar, é a remessa de dinheiro dos cubanos que hoje moram na Flórida para seus familiares que vivem em Cuba.

Muitas das regiões mais pobres da Terra apresentam problemas ambientais ou sanitários (ex: escassez de água, falta de terras cultiváveis, epidemias, etc.) ou problemas de infra-estrutura social (ex: falta de escolas, de estradas e de hospitais). A perda de parte da população para outras áreas mais desenvolvidas pode significar uma diminuição significativa na pressão populacional sobre esses recursos finitos. Caso não houvesse a migração, os problemas decorrentes de uma população mais numerosas poderiam ser muito mais graves.

De antemão, a migração não pode ser considerada benéfica nem prejudicial para as áreas que recebem e perdem população. Por exemplo, muitos dos problemas referentes à criminalidade nos países europeus são relacionados aos grandes contingentes de imigrantes que ali vivem, principalmente os ilegais. Eles seriam, portanto, prejudiciais na opinião de alguns. Mas quem faria o trabalho que eles desenvolvem em geral em condições insalubres e com baixo rendimento? Eles podem ser úteis trabalhando, produzindo, pagando impostos, etc. Na opinião de outras pessoas, eles são benéficos. Uma opinião positiva ou negativa sobre a migração é, muitas vezes, uma posição muito mais subjetiva que objetiva.

Entretanto, o migrante em geral não está preocupado se a troca de local de domicílio que ele está empreendendo irá melhorar ou piorar a situação de seu local de origem ou destino. Ele está basicamente ocupado em melhorar sua própria vida e de seus familiares, como será discutido a seguir no tópico sobre as conseqüências individuais da migração.

A seguir serão discutidos dois tipos específicos de trocas populacionais muito comuns em países em desenvolvimento.

7. TÓPICOS ESPECIAIS

Existem muitos tópicos relacionados à migração que poderiam ser discutidos de forma mais detalhada do que o realizado até o momento. Dentre as inúmeras possibilidades de detalhamento do processo migratório foram selecionadas duas muito importantes em regiões subdesenvolvidas: a relação entre a migração e a urbanização; e a migração dentro de um grande centro urbano, a migração intra-urbana.

7.1. Migração e Urbanização

Antigamente a maioria das pessoas vivia no campo e trabalhava na agricultura ou pecuária. Existiam algumas poucas grandes cidades, mas muito menores do que as grandes cidades de hoje. Até

o começo do século 20, a maioria dos países, inclusive nas regiões mais desenvolvidas, apresentava um quadro próximo desta descrição. Nos dias de hoje, o mundo é muito diferente em quase todos os países. As pessoas foram trocando a vida no campo pela vida na cidade. Assim, aos poucos, quase todas as regiões do mundo foram se tornando mais urbanizadas. Dizemos que houve um processo de **urbanização**. Neste processo ocorre um aumento na proporção de pessoas que vivem em cidades e uma diminuição no número relativo de pessoas que vivem no meio rural.

Apesar da urbanização crescente no mundo ainda existe uma diferença muito grande em diferentes partes da Terra quanto ao grau de urbanização. Algumas áreas são quase que totalmente urbanizadas enquanto que outras apresentam o predomínio da população rural. Como regra geral, as regiões mais ricas e desenvolvidas tendem a apresentar maiores proporções de pessoas vivendo em cidades do que as regiões mais pobres. Pensando em termos de continentes, a grande maioria de europeus e de norte-americanos vive em cidades enquanto que grandes proporções de pessoas na África e Ásia ainda vivem no campo. A América Latina, por causa de muitos fatores históricos, sociais e econômicos, é um caso a parte: é pobre e muito urbanizada.

A seguir serão descritas algumas cifras deste último subcontinente neste importante tópico que é a relação entre migração e urbanização. Foram selecionados alguns dados sobre a porcentagem de pessoas que viviam no meio urbano, cifra conhecida como **grau de urbanização**, para alguns dos maiores países da América Latina. esses dados são apresentados na tabela 29.

No ano de 1950, esta região em conjunto contava com apenas 41,7% de sua população em cidades. Cinquenta anos depois esta cifra havia passado para 76,8%, indicando uma mudança marcante na distribuição espacial da população. Em todos os países selecionados, o grau de urbanização era mediano em 1950 e havia alcançado valores elevados no fim do período. O destaque é a Venezuela que era a mais urbanizada em 2000 com 94,5% das pessoas vivendo no meio urbano. No Brasil houve também um grande aumento da população urbana passando de 36,0 % em 1950 para 81,5% em 2000.

TABELA 29
Grau de urbanização em alguns países da América Latina

País	Ano	
	1950	2000
Argentina	65,3	88,6
Brasil	36,0	81,5
México	42,7	77,7
Venezuela	53,2	94,5
América Latina	41,7	76,8

Fonte: ONU, 1992.

Este processo rápido de urbanização só ocorreu porque grande parte das pessoas que viviam no campo migrou para as cidades. Por um lado, houve um crescimento intenso da população no meio

urbano e, pelo outro, houve um esvaziamento do campo. A população desse último passou a crescer de forma menos acentuada que o restante da população ou mesmo passou a diminuir de tamanho.

Como exemplo, podem-se citar as cifras para o crescimento populacional no Brasil na década de 80. A população brasileira como um todo cresceu com taxas anuais de 2,1% ao ano. Enquanto isso, a população urbana cresceu de forma muito mais rápida, com taxas de 3,3% ao ano, e a população rural chegou inclusive a diminuir de tamanho com uma taxa de 1% ao ano.

Este crescimento vigoroso das cidades só foi possível com a migração que teve como origem o meio rural e como destino centros urbanos, em especial os maiores centros urbanos. Assim, algumas cidades cresceram de forma muito rápida como as principais cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, todas com população superior à 4 milhões de pessoas e entre as 50 maiores cidades do mundo; e ainda Porto Alegre, Recife, Salvador, Brasília, Fortaleza e Curitiba que têm uma população superior à 2 milhões e estão entre as 20 maiores da América Latina.

Devido a fatores como rápido crescimento populacional aliado à falta de recursos públicos e de planejamento quanto ao desenvolvimento, essas cidades se expandiram de forma desordenada. As conseqüências deste rápido crescimento demográfico e espacial são facilmente perceptíveis: alta criminalidade, tráfico de drogas, favelização, pobreza, degradação ambiental, desemprego, etc. Apesar de todos esses problemas as grandes cidades ainda são o destino preferencial de grande parte dos migrantes, tendência esta que deve continuar nas próximas décadas.

As dificuldades encontradas para melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem nas grandes metrópoles é um dos pontos políticos, sociais e econômicos mais relevantes da atualidade. Um fator decisivo para se entender os problemas associados à rápida expansão dos centros urbanos é determinar como são as trocas populacionais entre as diversas áreas de um mesmo centro urbano. Esse é o próximo tópico discutido.

7.2. Migração intra-urbana no Brasil

Como descrito acima, o assentamento de milhões de imigrantes, em conjunto com o crescimento vegetativo populacional elevado, promoveu uma rápida expansão dos grandes centros urbanos brasileiros. Muitas dos migrantes ao chegarem a um novo centro urbano procuram uma moradia que será apenas provisória. Depois de um período de adaptação, eles passam a morar em outro local na mesma cidade e promovem uma troca de local de residência dentro de um mesmo centro urbano. Esse tipo de migração é conhecido como **migração intra-urbana**. Além deste grupo de pessoas, muitas outras que já viviam em algum ponto da cidade também se mudam para um outro local, promovendo, assim, outros fluxos de migrantes intra-urbanos. Estas pessoas procuram adequar sua atual realidade financeira e de vida com as oportunidades de novos locais de moradia.

Assim como o apresentado para os outros modos de migração, esse tipo de migração, o deslocamento de população no interior de grandes centros urbanos, também pode ser analisado pelas técnicas diretas e indiretas. Entretanto, alguns pontos metodológicos são específicos deste tipo de estudo e serão discutidos antes da apresentação dos resultados obtidos no caso estudado.

Algumas das regiões metropolitanas brasileiras, como é o caso de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, são compostas por muitos municípios diferentes e muitos deles formam uma mesma malha urbana. Esse fato ocorreu porque com o crescimento populacional destas cidades, o centro urbano inicial, o núcleo metropolitano, foi crescendo e passou a englobar mais de um município. Belo Horizonte, por exemplo, inicialmente se ligou ao município de Contagem formando uma só cidade. Depois, esse centro urbano foi crescendo ainda mais, muito em decorrência da migração rural-urbana, como citado no tópico anterior, e passou a contar com muitos outros municípios. Em centros urbanos configurados desta maneira, quando passamos de um município para outro nem percebemos, pois eles compõem uma só cidade sem fronteiras bem definidas entre um município e o outro.

Em locais assim, pode-se trocar de município de residência sem trocar de cidade. Exemplos deste tipo seriam: uma pessoa que morava em São Paulo passou a viver em São Bernardo do Campo; um outro indivíduo que morava em São João do Meriti e mudou-se para o Rio de Janeiro; ou uma pessoa que trocou Contagem por Betim na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Estas trocas de população entre municípios vizinhos, ou próximos, em um mesmo centro urbano são muito significativos e de grande magnitude. Uma das principais razões para que isso ocorra e a segregação espacial entre as classes sociais no Brasil. Em geral, os ricos moram em certos locais, os mais caros e melhores, enquanto que os pobres moram, em geral, em favelas e na periferia, regiões com condições ambientais e de violência muito ruins. Assim podemos dizer que alguns municípios apresentam uma tendência de absorver as camadas mais ricas da população e em outros ocorre o contrário.

Existem muitos estudos sobre esse tema no Brasil e a título de exemplo cito cinco: Golgher (2000), Marques (1999) e Rigotti (1994) para a RMBH; Cunha (1996) para a Região Metropolitana de São Paulo; e Ribeiro (1996) para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ).

A tabela a seguir mostra os resultados que foram obtidos por técnicas diretas a partir do quesito “data fixa” com a migração intra-urbana na RMBH entre 1986 e 1991. Foram selecionados quatro dos principais municípios que compõe essa área.

O total de pessoas que saiu de Belo Horizonte, o centro da região metropolitana, em direção aos outros três municípios selecionados, Betim, Contagem, e Ribeirão das Neves, e ali permaneceram até o dia da pesquisa foi de mais de 71 mil pessoas. Por outro lado, menos de 3 mil pessoas saíram destes municípios e viviam em Belo Horizonte na data do Censo de 1991. esse fato mostra a periferação da população na RMBH. As pessoas saíam preferencialmente de Belo Horizonte e passavam a viver na periferia da região metropolitana onde os custos de moradia são menores. esse fato, em conjunto com outros dados não apresentados aqui, indica a expulsão das camadas com menor poder aquisitivo do núcleo da região metropolitana.

Das 71 mil pessoas que saíram de Belo Horizonte e viviam em um destes municípios, mais de 35 mil indivíduos tiveram como destino Contagem, outros 24 mil se mudaram para Ribeirão das Neves e 11 mil foram para Betim. Dentre os demais fluxos, pode-se destacar o fluxo com origem em Contagem e destino em Betim com um total de 9532 pessoas. Os demais fluxos de migrantes eram numericamente muito inferiores.

TABELA 30
Migração intra-urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Destino	Origem				Total
	Belo Horizonte	Betim	Contagem	Ribeirão das Neves	
Belo Horizonte	0	602	1973	392	2967
Betim	11049	0	9532	156	20737
Contagem	35356	1693	0	565	37614
Ribeirão das Neves	24872	444	2235	0	27551
Total	71277	2739	13740	1113	88869

Fonte: FIBGE, 1991. Dados trabalhados. Retirado de Marques, 1999.

Como conseqüência deste tipo de deslocamento, o núcleo da região metropolitana tende a perder população para a periferia. A tabela a seguir mostra o saldo migratório (SM) calculado por técnicas indiretas para os quatro municípios mencionados. Deve-se lembrar que o SM calculado de forma indireta inclui, além das trocas de população entre os municípios citados, todas as outras trocas de população e efeitos indiretos da migração, conceitos essas já discutidos anteriormente.

Belo Horizonte apresentava um SM negativo de grande magnitude em ambos os períodos analisados. Entre 1980 e 1990, esse município perdeu mais de 100 mil pessoas para as demais regiões do Brasil e do mundo, grande parte para os demais municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Entre os anos de 1991 e 1996, esta mesma cifra era de 42128 indivíduos. Todos os demais municípios selecionados apresentavam SMs positivos para ambos os períodos como pode ser visto abaixo, principalmente devido aos fluxos intra-metropolitanos.

TABELA 31
Saldo migratório em alguns municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte

Município	Saldo migratório no período entre 1980 e 1990	Saldo migratório no período entre 1991 e 1996
Belo Horizonte	-106064	-42128
Betim	41347	57837
Contagem	67855	8979
Ribeirão das Neves	37591	37537

Fonte: FIBGE, 1980, 1991. Dados trabalhados. Retirado de Golgher, 2000.

Este último estudo encerra a presente discussão sobre o processo migratório. São muitas as possibilidades de análise e aqui foram apresentadas apenas algumas delas.

8. CONCLUSÃO

Esse texto procurou abordar sucintamente os vários aspectos da migração. Discutiram-se pontos mais técnicos tais como: definições sobre a migração; bases de dados; e métodos de estimação diretos e indiretos. Em toda a discussão metodológica, procurou-se incorporar uma série de exemplos para que o entendimento dos tópicos em discussão fosse mais fácil. Em seguida, foram apresentados alguns dos padrões de migração que ocorreram no Brasil e no mundo tanto em tempos recentes com em épocas mais remotas. Por fim, quatro outros pontos foram abordados: os determinantes da migração; a seletividade do processo migratório; as conseqüências da migração; e alguns tópicos especiais.

As discussões foram, na maioria das vezes, rápidas e introdutórias. Recomenda-se ao leitor interessado buscar informações mais aprofundadas nas referências bibliográficas citadas ou nos sites apresentados.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SITES RELACIONADOS COM ESTUDOS SOBRE A MIGRAÇÃO

- CASTIGLIONI, A. **Migration, urbanisation et développement: le cas de l'Espírito Santo - Brésil.** Ciaco Editeur, 1989.
- CUNHA, J. **Mobilidade intra-regional no contexto das mudanças no padrão migratório nacional: o caso da Região Metropolitana de São Paulo.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10, Caxambu, 1996. **Anais..**, Belo Horizonte: ABEP, 1996, p. 789-812.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. **Censo Demográfico de Minas Gerais**, 1980.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. **PNAD**, 1985.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. **Censo Demográfico de Minas Gerais**, 1991.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. **Contagem Populacional**, 1996.
- GOLGHER, A. Alguns aspectos da dinâmica migratória na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 11, Diamantina, 2000. **Anais..**, Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2000, p. 855-884.
- . **Determinantes da migração e diferenciais entre migrantes e não-migrantes em Minas Gerais.** Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2001 (tese, doutorado).
- GUGLER, J. Over urbanization reconsidered. In: GUGLER, J. The urbanization of the third world, Oxford, Oxford University Press, 1988.
- . **Cities, poverty and development: urbanization in the third world.** Oxford, Oxford University Press, 1992.
- CARVALHO, J. Migrações Internas: mensuração direta e indireta. Revista Brasileira de Estatística. Rio de Janeiro, v. 43, n. 171, p. 549-583, jul/set, 1982.
- . Estimativas indiretas e dados sobre migrações: uma avaliação conceitual e metodológica das informações censitárias recentes. Revista Brasileira de Estudos da População, Campinas, v. 2, n.1, p. 31-73, jan/jun 1985.
- KOERNER, H. Internationale Mobilität der Arbeit, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1990.
- LONG, L e HANSEN, K. Reasons for interstate migration, Current population reports, series P-23, n. 81, Washington DC: Government Printing Press.
- MADDISON, A. The World Economy: a Millennial Perspective, Paris: OECD, 2001.
- MCDONALD, P. e KIPPEN, R. Labor supply prospects in 16 developed countries, 2000-2050, Populations and development review, 27 (1): 1-32, 2001.

MARQUES, R. **Mobilidade espacial da população e dinâmica do mercado imobiliário em Belo Horizonte e sua região, no período 1970-1991: uma contribuição à sua análise.** Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1999 (dissertação, mestrado).

NACIONES UNIDAS, Manual X – Técnicas Indiretas de Estimación Demográfica, Departamento de Asuntos Economicos y Sociales Internacionais, Estudios de Poblacion, Nueva York, n. 81, 1986.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade, Violência emigração internacional na juventude, São Paulo, Março de 2002.

RIBEIRO, L. **Rio de Janeiro: exemplo de metrópole partida e sem rumo.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10, Caxambu, 1996. **Anais..**, Belo Horizonte: ABEP, 1996, p. 1003-1032.

RIGOTTI, J. **Fluxos migratórios e distribuição populacional na RMBH: década de 70.** Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1994 (dissertação, mestrado).

----- **Técnicas de mensuração das migrações a partir dos dados censitários: aplicação dos casos de Minas Gerais e São Paulo.** Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1999 (tese, doutorado).

RIGOTTI, I e CARVALHO, J. As migrações na grande região centro-leste. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 1, Curitiba, 1997. **Anais..**, Curitiba: IPARDS/FNUAP, 1998, p.67-90.

RIOS-NETO, E. e GOLGHER, A. A oferta de trabalho dos jovens – tendências e perspectivas, IPEA, março de 2003.

United States Bureau of the Census, Geographical mobility: March 1982- March 1983, Current Population Reports, Series PPPp-20, n. 393.

United Nations (ONU) Population Division, World Urbanization Prospects: The 1992 Revision (Publicação das Nações Unidas, N° E 93), 1992.

United Nations (ONU) Population Division, World Populations Prospects: the 2000 revision, vol. 1: comprehensive tables, 2000.

www.cedeplar.ufmg.br

www.iom.int